

caderno do
PROFESSOR

FILOSOFIA



ensino médio
3^a SÉRIE
volume 1 - 2009



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
José Serra

Vice-Governador
Alberto Goldman

Secretária de Educação
Maria Helena Guimarães de Castro

Secretária-Adjunta
Iara Gloria Areias Prado

Chefe de Gabinete
Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas
Pedagógicas
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região
Metropolitana da Grande São Paulo
José Benedito de Oliveira

Coordenadora de Ensino do Interior
Aparecida Edna de Matos

Presidente da Fundação para o
Desenvolvimento da Educação – FDE
Fábio Bonini Simões de Lima

EXECUÇÃO

Coordenação Geral
Maria Inês Fini

Concepção
Guiomar Namó de Mello
Lino de Macedo
Luís Carlos de Menezes
Maria Inês Fini
Ruy Berger

GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias
aplicadas à Educação:
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas

Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

AUTORES

Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: **Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira**

Geografia: **Angela Corrêa da Silva, Jaime
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina
Araújo, Regina Célia Bega dos Santos e
Sérgio Adas**

História: **Paulo Miceli, Diego López Silva,
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e
Raquel dos Santos Funari**

Sociologia: **Heloisa Helena Teixeira de Souza
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina
Schrijnemaekers**

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: **Ghisleine Trigo Silveira, Fabíola Bovo
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguiar
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares
de Camargo**

Ciências: **Ghisleine Trigo Silveira, Cristina
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,
Julio César Foschini Lisbôa, Lucilene Aparecida
Esperante Limp, Máira Batistoni e Silva, Maria
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume**

Física: **Luís Carlos de Menezes, Sonia Salem,
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington, Ivã
Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo de
Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto de
Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira e
Yassuko Hosoume**

Química: **Denilse Morais Zambom, Fábio
Luiz de Souza, Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto,
Isis Valença de Sousa Santos, Luciane Hiromi
Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes,
Maria Fernanda Penteado Lamas e Yvone
Mussa Esperidião**

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: **Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque,
Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins e
Sayonara Pereira**

Educação Física: **Adalberto dos Santos Souza,
Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches
Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira**

LEM – Inglês: **Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira
da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues,
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo**

Língua Portuguesa: **Alice Vieira, Débora Mallet
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,
José Luís Marques López Landeira e João Henrique
Nogueira Mateos**

Matemática

Matemática: **Nilson José Machado, Carlos
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli**

Caderno do Gestor

**Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice
Murrice**

Equipe de Produção

Coordenação Executiva: **Beatriz Scavazza**

Assessores: **Alex Barros, Antonio Carlos Carvalho,
Beatriz Blay, Carla de Meira Leite, Eliane Yambanis,
Heloisa Amaral Dias de Oliveira, José Carlos
Augusto, Luiza Christov, Maria Eloisa Pires Tavares,
Paulo Eduardo Mendes, Paulo Roberto da Cunha,
Pepita Prata, Renata Elsa Stark, Solange Wagner
Locatelli e Vanessa Dias Moretti**

Equipe Editorial

Coordenação Executiva: **Angela Sprenger**

Assessores: **Denise Blanes e Luís Márcio Barbosa**

Projeto Editorial: **Zuleika de Felice Murrice**

Edição e Produção Editorial: **Conexão Editorial,
Buscato Informação Corporativa, Verba Editorial e
Occy Design (projeto gráfico)**

APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da
Educação

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.
Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 3ª série, volume 1 /
Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton
Luís Martins, Luiza Christov, Paulo Miceli, Renê José Trentin Silveira. – São
Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-191-8

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Martins,
Adilton Luís. III. Christov, Luiza. IV. Miceli, Paulo. V. Silveira, Renê José Trentin.
VI. Título.

CDU: 373.5:101

Prezado(a) professor(a),

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2008 para atender a uma das prioridades da área de Educação neste governo – *o ensino de qualidade* –, encaminhamos a você o material preparado para o ano letivo de 2009.

As orientações aqui contidas incorporaram as sugestões e ajustes sugeridos pelos professores, advindos da experiência e da implementação da nova proposta em sala de aula no ano passado.

Reafirmamos a importância de seu trabalho. O alcance desta meta é concretizado essencialmente na sala de aula, pelo professor e pelos alunos.

O Caderno do Professor foi elaborado por competentes especialistas na área de Educação. Com o conteúdo organizado por disciplina, oferece orientação para o desenvolvimento das Situações de Aprendizagem propostas.

Esperamos que você aproveite e implemente as orientações didático-pedagógicas aqui contidas. Estaremos atentos e prontos para esclarecer dúvidas ou dificuldades, assim como para promover ajustes ou adaptações que aumentem a eficácia deste trabalho.

Aqui está nosso novo desafio. Com determinação e competência, certamente iremos vencê-lo!

Contamos com você.

Maria Helena Guimarães de Castro

Secretária da Educação do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado 5

Ficha do caderno 7

Orientação sobre os conteúdos do bimestre 8

Tema 1 – A natureza política da intolerância com a Filosofia 9

Situação de Aprendizagem 1 - O preconceito em relação à Filosofia 10

Tema 2 – Todos os homens são filósofos 23

Situação de Aprendizagem 2 - Filosofia: definição e importância para o exercício da cidadania 24

Tema 3 – O homem: um ser entre os demais seres da natureza 36

Situação de Aprendizagem 3 - A condição animal como ponto inicial no processo de compreensão sobre o homem 36

Tema 4 – O homem como ser de linguagem e de palavra 43

Situação de Aprendizagem 4 - A linguagem e a língua como características que identificam a espécie humana 43

SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Prezado(a) professor(a),

É com muita satisfação que apresento a todos a versão revista dos Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo. Esta nova versão também tem a sua autoria, uma vez que inclui suas sugestões e críticas, apresentadas durante a primeira fase de implantação da proposta.

Os Cadernos foram lidos, analisados e aplicados, e a nova versão tem agora a medida das práticas de nossas salas de aula. Sabemos que o material causou excelente impacto na Rede Estadual de Ensino como um todo. Não houve discriminação. Críticas e sugestões surgiram, mas em nenhum momento se considerou que os Cadernos não deveriam ser produzidos. Ao contrário, as indicações vieram no sentido de aperfeiçoá-los.

A Proposta Curricular não foi comunicada como dogma ou aceite sem restrição. Foi vivida nos Cadernos do Professor e compreendida como um texto repleto de significados, mas em construção. Isso provocou ajustes que incorporaram as práticas e consideraram os problemas da implantação, por meio de um intenso diálogo sobre o que estava sendo proposto.

Os Cadernos dialogaram com seu público-alvo e geraram indicações preciosas para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e para a Secretaria, que gerencia esse processo.

Esta nova versão considera o “tempo de discussão”, fundamental à implantação da Proposta Curricular. Esse “tempo” foi compreendido como um momento único, gerador de novos significados e de mudanças de ideias e atitudes.

Os ajustes nos Cadernos levaram em conta o apoio a movimentos inovadores, no contexto das escolas, apostando na possibilidade de desenvolvimento da autonomia escolar, com indicações permanentes sobre a avaliação dos critérios de qualidade da aprendizagem e de seus resultados.

Sempre é oportuno lembrar que os Cadernos espelharam-se, de forma objetiva, na Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da Rede Estadual, revelando uma maneira inédita de relacionar teoria e prática e integrando as disciplinas e as séries em um projeto interdisciplinar por meio de um enfoque filosófico de Educação que definiu conteúdos, competências e habilidades, metodologias, avaliação e recursos didáticos.

Esta nova versão dá continuidade ao projeto político-educacional do Governo de São Paulo, para cumprir as 10 metas do Plano Estadual de Educação, e faz parte das ações propostas para a construção de uma escola melhor.

O uso dos Cadernos em sala de aula foi um sucesso! Estão de parabéns todos os que acreditaram na possibilidade de mudar os rumos da escola pública, transformando-a em um espaço, por excelência, de aprendizagem. O objetivo dos Cadernos sempre será apoiar os professores em suas práticas de sala de aula. Posso dizer que esse objetivo foi alcançado, porque os docentes da Rede Pública do Estado de São Paulo fizeram dos Cadernos um instrumento pedagógico com vida e resultados.

Conto mais uma vez com o entusiasmo e a dedicação de todos os professores, para que possamos marcar a História da Educação do Estado de São Paulo como sendo este um período em que buscamos e conseguimos, com sucesso, reverter o estigma que pesou sobre a escola pública nos últimos anos e oferecer educação básica de qualidade a todas as crianças e jovens de nossa Rede. Para nós, da Secretaria, já é possível antever esse sucesso, que também é de vocês.

Bom ano letivo de trabalho a todos!

Maria Inês Fini
Coordenadora Geral
Projeto São Paulo Faz Escola

FICHA DO CADERNO

Nome da disciplina:	Filosofia
Área:	Ciências Humanas e suas Tecnologias
Etapa da educação básica:	Ensino Médio
Série:	3 ^a
Período letivo:	1 ^o bimestre de 2009
Temas e conteúdos:	O que é Filosofia O animal homem – o homem enquanto animal Um animal de linguagem

ORIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO BIMESTRE

Na 3ª série do Ensino Médio, a disciplina Filosofia preservará seu compromisso com a formação para a cidadania já trabalhada nas séries anteriores. Dois temas são centrais nos Cadernos da 3ª série: o homem e as características que o tornam potencialmente capaz de construir uma convivência solidária no planeta Terra e o discurso filosófico. Consideramos esses temas de grande relevância para compor a formação dos jovens no Ensino Médio. Esses jovens encontram-se em fase de definições cruciais para a sua vida – definições de natureza afetiva, profissional e existencial em geral, incluindo-se aí dilemas políticos, éticos e estéticos. A reflexão de natureza filosófica pode ser fértil para contextualizar e desvendar pistas para o encaminhamento desses dilemas. *Pensar o homem por meio do discurso filosófico*, eis o compromisso que propomos para estas aulas de Filosofia.

Neste bimestre, será retomada a discussão sobre a Filosofia propriamente dita com o objetivo de provocar a reflexão sobre preconceitos em torno desta disciplina e do próprio ato de filosofar. Essa retomada tem, ainda, a intenção de delimitar o campo a partir do qual será tratado o tema central do caderno: o homem. Após a retomada da questão “*O que é Filosofia?*”, serão abordadas duas características fundamentais do ser humano, a saber, sua condição de animal entre os demais seres da natureza e sua capacidade de criar linguagem.

No próximo bimestre, daremos continuidade à reflexão sobre o discurso filosófico, pensando-o em comparação com o discurso religioso, e o ser humano será abordado por sua capacidade de fazer política. Temas como poder, justiça, igualdade e desigualdade serão analisados com os jovens.

No 3º bimestre, o discurso filosófico será confrontado com o discurso científico e o homem será estudado como um ser que enfrenta limites à sua liberdade e também como capaz de ser livre. A perspectiva histórica sobre a construção da democracia e sua possibilidade no mundo contemporâneo serão temas associados à reflexão sobre liberdade.

No 4º bimestre, a Filosofia será pensada em relação ao discurso literário ou poético e o tema associado ao ser humano será a felicidade. Temas como prazer e consumo serão analisados no processo de compreensão dos valores contemporâneos associados à felicidade, bem como as representações dos estudantes sobre o tema.

As estratégias propostas para o desenvolvimento dos temas selecionados fundam-se nos seguintes pressupostos didáticos:

- ▶ os saberes escolares, no caso, os saberes filosóficos devem dialogar com os saberes elaborados cotidianamente pelos alunos, em processo de confrontos, acordos, sínteses e reelaborações de ideias;
- ▶ a experiência vivencial dos alunos e suas representações sobre os temas estudados constituem o ponto de partida no processo de aprendizagem;
- ▶ as ações propostas pela escola devem ampliar o universo cultural dos estudantes;
- ▶ pensar por questões e hipóteses e revelar pensamentos por meio de palavras escritas ou faladas são esforços fundamentais para a aproximação dos conteúdos filosóficos;
- ▶ o contato com textos filosóficos é muito importante para a construção do discurso argumentativo, reflexivo e questionador.

TEMA 1 – A NATUREZA POLÍTICA DA INTOLERÂNCIA COM A FILOSOFIA

Esta Situação de Aprendizagem tem por objetivo retomar e aprofundar a discussão, iniciada na 1ª série do Ensino Médio, sobre o que é a Filosofia, enfatizando, neste momento, a necessidade de combater e superar as diversas formas de preconceito em relação a ela, como os que se expressam em ideias como: *a Filosofia é uma atividade intelectual muito difícil e, por isso, restrita a poucas pessoas de inteligência privilegiada; a Filosofia é coisa de gente esquisita, diferente, meio excêntrica, desligada da vida concreta; a Filosofia, por não ter uma aplicação prática imediata (ganhar dinheiro, por exemplo), é absolutamente inútil.* Trata-se, portanto, de demonstrar que, ao contrário do que dizem essas imagens preconcebidas e distorcidas da Filosofia, ela é uma atividade intelectual da maior importância, especialmente para o exercício crítico e consciente da cidadania, e acessível a todas as pessoas, sem distinção.

Para empreender essa discussão estão previstas quatro aulas, tendo como principal referencial teórico as contribuições de Antonio Gramsci em sua obra *Cadernos do cárcere*, embora neste primeiro momento ainda não apareçam citações explícitas desse autor. Para o encaminhamento do trabalho com os alunos serão empregados, basicamente, o texto *Apo-*

logia de Sócrates, de Platão, alguns excertos de Aristóteles (*A política*) e, como obra principal, indicada para consulta, o livro *Introdução à história da Filosofia*, de Marilena Chaui. Começaremos com um rápido levantamento das ideias que as pessoas têm da Filosofia (primeira aula), a fim de explicitar a existência do preconceito já mencionado, possivelmente mesmo entre os alunos, apesar de terem estudado Filosofia nas séries anteriores. Em seguida, passaremos ao exame da situação específica de dois filósofos antigos: Tales de Mileto (segunda aula) e Sócrates (terceira aula), com o objetivo de mostrar que esse preconceito, na realidade, não é recente, não é exclusivo dos tempos modernos, mas, ao contrário, remonta às origens da Filosofia. Por fim, na quarta aula, retomaremos o caso de Sócrates, retratando particularmente o contexto de seu julgamento e condenação à morte para trazer à tona e problematizar a dimensão política desse preconceito.

A proposta é de que os alunos reflitam criticamente sobre esses temas, de modo individual e também coletivo, e se expressem oralmente e por escrito a respeito deles de forma rigorosa, com a mediação do professor e a leitura dos textos contidos no Caderno do Aluno.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À FILOSOFIA

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: o preconceito em relação à Filosofia e a necessidade de combatê-lo e superá-lo; o caráter histórico desse preconceito: os exemplos de Tales e Sócrates; a dimensão política da intolerância com a Filosofia e os filósofos.

Competências e habilidades: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); identificar situações de preconceito, particularmente em relação à Filosofia e aos filósofos; reconhecer a dimensão política desse preconceito e se posicionar diante dele; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses e questões a partir das leituras e dos debates realizados.

Estratégias: levantamento das opiniões contidas no senso comum sobre a Filosofia e os filósofos por meio de dinâmicas de grupo; pesquisa de campo e debates; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento; pesquisa bibliográfica e na internet.

Recursos: fotos de filósofos e filósofas; internet; bibliografia complementar.

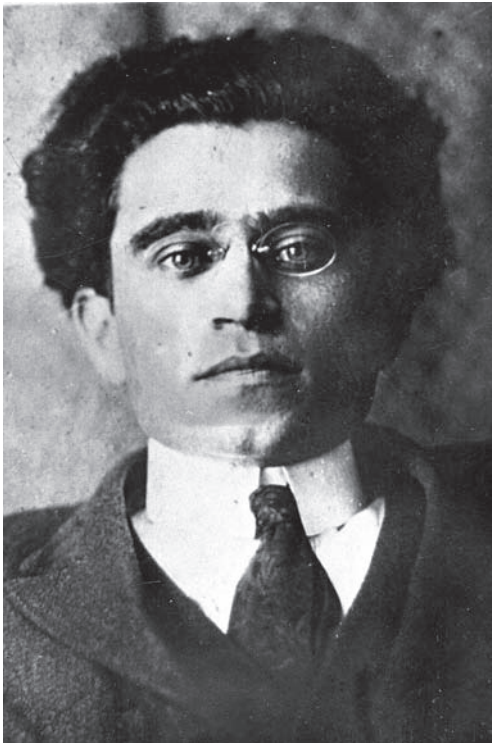
Avaliação: sugere-se que sejam avaliados: o domínio pelos alunos do conteúdo (conceitos, ideias, raciocínios etc.) estudado; sua capacidade de expressão clara, fluente, coerente, bem articulada e consistente (bem fundamentada, buscando superar o senso comum); o envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Como instrumentos de avaliação, recomendamos dissertações individuais; provas dissertativas e reflexivas; verificação das atividades do Caderno do Aluno; outros trabalhos que o professor julgar adequados e pertinentes.

Sondagem e sensibilização

Para esta sondagem são previstas a primeira aula e parte da segunda.

Propomos que, inicialmente, você convide os alunos a participar de uma atividade de natureza lúdica. Com o auxílio do Caderno do Aluno, apresente-lhes algumas fotos de filósofos e filósofas, sem revelar a identidade

deles. Peça aos alunos que tentem adivinhar a profissão dessas pessoas, anotando as opções no Caderno do Aluno e respondendo às questões nele apresentadas. Ao terminarem, solicite que exponham as profissões apontadas e anote-as na lousa. É provável que poucos ou mesmo ninguém arrisque dizer que se trata de um filósofo ou uma filósofa. De todo modo, você pode perguntar para a classe:



© Roger-Viollet / Topfoto/Grupo Keystone

Antonio Gramsci.



© Divulgação

Renato Janine Ribeiro.



© Heritage/The Print Collector/Grupo Keystone

A morte de Sócrates de Jacques Louis David, 1787.



© Heritage/The Print Collector/Grupo Keystone

Rosa de Luxemburgo.

- ▶ Por que ninguém imaginou que uma dessas pessoas poderia ser filósofo ou filósofa?
- ▶ Que critérios foram usados para atribuir a profissão a cada uma dessas pessoas? Houve preconceito?
- ▶ Na opinião de vocês, quem dentre essas pessoas mais se assemelharia a um filósofo ou a uma filósofa? Por quê?
- ▶ Essa não é uma visão estereotipada?

O objetivo desse questionamento é chamar a atenção para a possibilidade de que os próprios alunos, muitas vezes, expressam uma visão preconceituosa e estereotipada da Filosofia e dos filósofos.

Após algum tempo de discussão, peça que se dividam em grupos para ler o texto “Ideias que as pessoas têm da filosofia”, do Caderno do Aluno e responder às questões que o seguem. Ao terminarem, abra novamente o debate, a fim de que possam avaliar a experiência que tiveram ao refletir sobre a própria concepção de Filosofia. Neste momento, você pode relembrar a definição trabalhada na 1ª série, retirada dos Parâmetros Curriculares nacionais (PCN), que apresenta a Filosofia como “uma reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas” (PCN+Ensino Médio, p. 44 – Ciências Humanas e suas tecnologias – complementos). Verifique se os alunos ainda se lembram dessa definição e como a compreendem neste momento, depois de terem estudado essa disciplina por dois anos.

Como preparação para a próxima aula, solicite que os alunos façam em casa uma pequena pesquisa, conforme orientação contida no Caderno do Aluno. Cada aluno deverá entrevistar uma pessoa conhecida (pode ser alguém da própria família, amigo, vizinho, parente etc.) a fim de identificar a ideia que essa pessoa tem da Filosofia. Para tanto, deverá registrar no Caderno do Aluno a definição de Filosofia dada pelo entrevistado, a utilidade a ela atribuída e os *adjetivos positivos e negativos* que forem citados.

Roteiro para aplicação da Situação de Aprendizagem

Na aula seguinte, dando continuidade à sondagem inicial, você poderá dividir a turma em grupos, pedindo a eles que analisem,

comentem e sintetizem os resultados obtidos com as entrevistas. Após alguns minutos de discussão, peça a cada grupo que relate para a sala a síntese elaborada e anote na lousa as respostas obtidas para os quatro itens da entrevista, dando ênfase especial aos adjetivos que apareceram, distinguindo os positivos dos negativos. Ao término do relato dos grupos, você terá construído um inventário das opiniões mais comumente associadas à Filosofia e preparado o cenário para que se inicie a discussão sobre a questão do preconceito em relação a ela. Essa discussão pode ser estimulada por questões como:

- ▶ Qual é o conceito de Filosofia que prevaleceu?
- ▶ Que tipo de adjetivo predominou: positivos ou negativos?
- ▶ Dentre os negativos, qual o que mais apareceu?
- ▶ Que finalidades ou utilidades as pessoas atribuem à Filosofia? Na visão da maioria, para que serve a Filosofia?
- ▶ Como a maioria dos entrevistados vê a figura do filósofo?
- ▶ O que as pessoas acreditam ser necessário para que uma pessoa filosofe?
- ▶ Por que as pessoas têm essas ideias a respeito da Filosofia? De onde elas as tiraram?
- ▶ Será que as pessoas que pensam assim conhecem de fato o assunto do qual estão falando?
- ▶ Será que a opinião que manifestam não revela um preconceito em relação à Filosofia e aos filósofos?
- ▶ O que é, afinal, um preconceito?

Após essa motivação inicial, cabe aprofundar um pouco mais a discussão sobre o preconceito em relação à Filosofia, demonstrando que não se trata de algo novo ou recente, mas que, ao contrário, remonta às origens da Filosofia na Grécia Antiga. O exemplo a ser analisado, neste momento, será Tales de Mileto.

Por meio do exame de duas anedotas contadas sobre Tales, uma registrada por Platão e outra por Aristóteles, é possível perceber que, muitas vezes, as opiniões correntes sobre a filosofia e os filósofos não correspondem inteiramente à verdade, revelando-se fruto de juízos precipitados ou mesmo de total desconhecimento do assunto.

Para empreender esse aprofundamento, sugerimos que oriente os alunos a ler, ainda em grupos, o texto do Caderno do Aluno (reproduzido a seguir), dando atenção especial aos dois excertos que retratam as anedotas sobre Tales, um de Platão e outro de Aristóteles. Tais excertos, além de cumprir o objetivo de

explicitar o caráter equivocado das opiniões correntes sobre o filósofo, permitem ainda o contato direto dos alunos com o texto filológico clássico, mesmo que por meio de fragmentos. Seria apropriado se você aproveitasse essa oportunidade para inserir outras informações e elementos sobre esses autores e suas obras (dados biográficos, contexto histórico em que viveram, aspectos de seu pensamento, curiosidades sobre sua vida etc.) a partir de seu próprio estudo e o conhecimento deles.

A seguir, apresentamos o texto contido no Caderno do Aluno e sugerimos que você o enriqueça com comentários, explicações e mesmo leituras complementares que julgar pertinentes.

Tales de Mileto: o distraído

O preconceito e a hostilidade em relação à Filosofia não é algo novo, recente, mas, ao contrário, remontam às origens da Filosofia na Grécia Antiga.

Talvez o registro mais antigo desse preconceito seja aquele de que foi vítima Tales de Mileto, que viveu no século VII a.C. e que é considerado o primeiro filósofo da história. A respeito dele contava-se a seguinte anedota, bastante difundida na Grécia Antiga e recuperada por Platão em sua obra *Teeteto*¹. Tales era tão interessado no estudo dos astros que costumava caminhar olhando para o céu. Certo dia, absorto em seus pensamentos e raciocínios, acabou tropeçando e caindo em um poço, sendo motivo de riso e caçoada para uma escrava que ali se encontrava. Espalhou-se, então, o boato de que Tales se preocupava mais com as coisas do céu, esquecendo-se das que estavam debaixo de seus pés. “Essa pilhéria”, adverte Platão, “se aplica a todos os que vivem para a Filosofia” (idem).

Essa imagem de um homem distraído e trapalhão, porém, não parece condizer com a verdade sobre Tales, que, ao que tudo indica, era uma pessoa bem esperta, viva e inteligente. É o que se conclui, por exemplo, de uma outra anedota contada sobre ele e registrada por Aristóteles em sua obra *A política* e atribuída a Tales por causa de sua sabedoria:

“Como o censuravam pela pobreza e zombavam de sua inútil filosofia, o conhecimento dos astros permitiu-lhe prever que haveria abundância de olivas. Tendo juntado todo o dinheiro que podia, ele alugou, antes do fim do inverno, todas as prensas de óleo de Mileto e de Quios. Conseguiu-as a bom preço, porque ninguém oferecera melhor e ele dera algum adiantamento. Feita a colheita, muitas pessoas apareceram ao mesmo tempo para conseguir as prensas e ele as alugou pelo preço que quis. Tendo ganhado muito dinheiro, mostrou a seus amigos que para os filósofos era muito fácil enriquecer, mas que eles não se importavam com isso. Foi assim que mostrou sua sabedoria.”²

Na verdade, Tales deve ter gozado de grande prestígio em sua época. Tanto que passou para a posteridade como um dos sete sábios da Grécia³: na política, empenhou-se em organizar as cidades gregas

¹ PLATÃO. *Diálogos*. Teeteto/Crátilo. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. p. 83 [174a].

² ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 30.

³ De fato, atribuem-se a ele inúmeros feitos importantes, como revela a professora e filósofa Marilena Chaui (2003, p. 55).

da Jônia para enfrentar a ameaça dos persas; como engenheiro, quis desviar o curso de alguns rios para fins de navegação e irrigação; como pesquisador, investigou as causas das inundações do rio Nilo, rompendo com as explicações míticas que se davam para elas; como astrônomo, previu um eclipse solar e descobriu a constelação denominada Ursa Menor; como matemático e geômetra, teria descoberto um método para medir a altura de uma pirâmide do Egito, do qual teria derivado o famoso “teorema de Tales”.

Além disso, não podemos esquecer que Tales foi, segundo Aristóteles (Pré-Socráticos, 1985, p. 7), o primeiro a dar uma resposta racional, isto é, usando de demonstração lógica e sem recorrer aos mitos, para a pergunta que mais incomodava os primeiros filósofos (os chamados pré-socráticos ou filósofos físicos): qual era o elemento primordial que dava origem a todas as coisas? Para Tales esse elemento era a água, por ela estar presente nos alimentos necessários à vida, pelo fato de as coisas vivas serem úmidas, enquanto as mortas ressecam e porque a terra repousa sobre as águas. Daí sua conclusão de que ela deve ter sido o elemento primordial.

Vemos, portanto, que Tales, ao contrário do que sugere a primeira anedota, não tinha nada de lunático, distraído e desligado dos problemas concretos. Muito pelo contrário, pôs toda a sua inteligência, curiosidade e criatividade a serviço da busca de soluções para eles, sobretudo aqueles mais importantes e urgentes em sua época. Eis por que a tal anedota revela, de fato, um preconceito, isto é, um conceito precipitado e desprovido de fundamentação.

Texto elaborado especialmente para este Caderno.

Para expandir o significado dessa leitura, o Caderno do Aluno traz ainda um conjunto de questões que procura articular o conteúdo do texto com a questão do preconceito, as quais podem ser respondidas em grupos ou mesmo espontaneamente pela classe. São elas:

- ▶ Na sua opinião, Tales foi vítima de preconceito? Por quê?
- ▶ De acordo com o excerto de Aristóteles, por que a filosofia de Tales era considerada inútil? Você concorda? Justifique.
- ▶ E quanto a você? Já sofreu algum preconceito? Se desejar, conte ao grupo.
- ▶ Você acredita que uma pessoa que passe a se interessar pela Filosofia será alvo de preconceito, intolerância ou rejeição? Por quê? Teme que isso aconteça com você?

Finalmente, para consolidar e aprofundar o conhecimento sobre Tales e os filósofos pré-socráticos, o Caderno do Aluno sugere

uma pequena pesquisa complementar, a ser feita em casa, cujos dados devem ser inseridos no quadro indicado. Para auxiliar os alunos, você pode sugerir fontes bibliográficas de consulta, ou mesmo *sites* confiáveis na internet. Alerta, porém, para que evitem o esquema do “recorta e cola”, mostrando que o objetivo é que produzam uma síntese pessoal a partir da compreensão que conseguirem ter do tema estudado. É importante, também, que você, professor, motive os alunos para essa pesquisa por meio de breves comentários e explicações prévias sobre esses filósofos. Cada aluno pode pesquisar individualmente todos os pré-socráticos, ou você pode distribuir um filósofo para cada grupo, cuidando para que, posteriormente, todos tenham acesso à pesquisa desses grupos. No início da aula seguinte, confira rapidamente o trabalho proposto, abrindo espaço para a turma se manifestar sobre a experiência de realizá-lo.

Após essa sondagem inicial, propomos dedicar ainda duas aulas a essa primeira Situação de Aprendizagem sobre o preconceito em relação à Filosofia e aos filósofos, focalizando, agora, o caso emblemático de Sócrates. Como sabemos, trata-se de um filósofo que costuma causar grande admiração e encantamento, sobretudo aos jovens. Aliás, essa sua capacidade de atrair e cativar os jovens foi uma das causas de sua condenação à morte, como nos relata Platão na obra *Apologia de Sócrates*. Convém, pois, aproveitar-se desse carisma do filósofo para motivar ainda mais os alunos a conhecer suas ideias.

A título de estimulação inicial, você pode propor aos alunos que reflitam por alguns instantes sobre duas questões contidas no Caderno do Aluno aparentemente muito simplórias ou inocentes:

1. Quanto mede o pulo de uma pulga? Você consegue imaginar uma forma de medir essa distância? Se consegue, exponha-a.

2. Por onde sai o zumbido do pernilongo: pela tromba ou pelo traseiro?

Essas duas questões, na realidade, aparecem na comédia *As nuvens*, de Aristófanes, cujo objetivo é ridicularizar a imagem de Sócrates. Apresentando-as de surpresa aos alunos você permitirá que eles experimentem a sensação de se ocupar de assuntos banais, sem qualquer relevância prática, a exemplo do que faziam filósofos como Sócrates, segundo a visão que deles tinham seus críticos e opositores. Você pode provocá-los perguntando: “*Essas questões são relevantes? Como você se sentiu tendo que encontrar respostas para elas? Que tipo de pessoa se ocuparia de questões como essas? Teria razão quem julgasse essas pessoas desocupadas e até meio malucas?*”.

Feita essa motivação inicial, o passo seguinte é solicitar aos alunos que leiam atentamente o texto oferecido na sequência do Caderno do Aluno e reproduzido a seguir e levantem questionamentos sobre ele.

Sócrates: aquele que vive nas nuvens

Outra célebre vítima do preconceito e da intolerância contra a Filosofia foi Sócrates. E neste caso as consequências foram muito mais sérias, visto que o levaram à morte.

Na realidade, não há uma única imagem de Sócrates. Isso porque todas as informações que temos dele nos chegaram por testemunhos indiretos, já que ele mesmo nada escreveu. Assim, enquanto seus amigos, admiradores e discípulos, como Xenofonte e Platão, por exemplo, o viam como sábio, patriota, respeitador das leis e da religião, piedoso, justo, valoroso como guerreiro nas batalhas etc., seus críticos o retratavam como uma pessoa esquisita, deslocada, excêntrica, charlatã, corruptor de jovens, e ímpio.

De todos esses testemunhos pouco elogiosos sobre Sócrates, sem dúvida o mais significativo que chegou até nós foi a imagem dele traçada por Aristófanes (2000, p. 11-101) na comédia *As nuvens*.

Neste texto, aparece: um Sócrates “se movendo livremente, proclamando que caminhava no ar e dizendo uma plêiade de outras tolices” das quais não entende nada¹. É um Sócrates mestre dos sofistas, isto é, charlatão, enganador e que ensinava às pessoas a arte desse engano. Aliás, essa imagem dos sofistas também era, em boa medida, preconceituosa. Na peça de Aristófanes, ele surge em cena empoleirado em uma cesta suspensa no ar, significando que ele vivia nas alturas, preocupado com questões de cosmologia e de astronomia (movimento dos astros, origem do universo etc.), ou com assuntos sem a menor relevância, como a medida do pulo de uma pulga, ou se o zumbido de um mosquito é produzido por sua tromba

¹ PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. p. 139-140 [19 c].

ou seu traseiro, ficando totalmente alheio aos problemas realmente importantes da vida dos cidadãos de Atenas. A certa altura, um dos discípulos conta que, certa vez, “uma lagartixa atrapalhou uma indagação transcendental” de Sócrates. Isso aconteceu, segundo o relato, quando ele “observava a lua para estudar o curso e as evoluções dela, no momento em que ele olhava de boca aberta para o céu, do alto do teto uma lagartixa noturna, dessas pintadas, defecou na boca dele”².

Esta imagem depreciativa e até cômica de Sócrates provavelmente revela a ideia que a maioria das pessoas tinha a respeito dele e dos filósofos em geral. No entanto, é uma imagem bastante distorcida. Na realidade, Sócrates e os sofistas inauguram um novo período na história da Filosofia em que a reflexão filosófica se desloca da cosmologia e da física (*princípio que dá origem a todas as coisas*) para as questões relativas à vida concreta na cidade (*pólis*), isto é, à política, à ética, ao conhecimento. Os assuntos que ele gostava de abordar eram a justiça, a beleza, a coragem, o amor, a educação, entre outros. Vem daí, aliás, a denominação de pré-socráticos atribuída aos filósofos anteriores a ele. Não tanto por razões de cronologia, mas principalmente pela diferença quanto aos temas da reflexão filosófica.

Além disso, no que se refere aos sofistas, Sócrates tinha, certamente, muito mais diferenças e mesmo divergências com eles do que semelhanças. Enquanto os sofistas se apresentavam como sábios, isto é, pessoas entendidas em diversos assuntos, especialmente na técnica da retórica, Sócrates dizia: “Sei que nada sei”; enquanto os sofistas cobravam pelos ensinamentos que ministravam, Sócrates condenava essa prática e filosofava com as pessoas gratuitamente na praça (*ágora*) de Atenas; enquanto os sofistas ensinavam por meio de discursos bem elaborados, Sócrates valia-se do diálogo (*dialética*); enquanto os sofistas eram céticos em relação à possibilidade de se conhecer a verdade universal, tornando-se relativistas, Sócrates a perseguia incansavelmente; enquanto os sofistas contentavam-se com a opinião (*doxa*), Sócrates exigia o saber verdadeiro (*episteme*).

A respeito dos sofistas, diz Sócrates ironicamente por ocasião de seu julgamento: “cada um desses homens [...] é capaz de dirigir-se a qualquer cidade e persuadir os jovens, os quais podem se associar, segundo queiram, com qualquer de seus concidadãos sem pagar, a deixar a companhia dessa pessoa para se juntarem a ele, remunerá-lo e, além disso, mostrar-lhe gratidão”³.

Vemos, assim, que a imagem de Sócrates traçada por Aristófanes, procurando retratá-lo como alguém que anda nas nuvens, preocupado com assuntos alheios ao cotidiano das pessoas e identificado com os sofistas, não corresponde à verdade sobre ele. Ao contrário, baseia-se em um preconceito, a exemplo do que ocorrera com a anedota sobre Tales.

É interessante observar que em seu julgamento Sócrates faz menção à comédia de Aristófanes (*As nuvens*) como um dos fatores que provocaram as acusações contra ele (cf. Platão, *Apologia de Sócrates*, 2008, p. 139 [19c]).

² ARISTÓFANES. *As nuvens; Só para mulheres; Um deus chamado dinheiro*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 21.

³ PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. p. 140 [19 e – 20a].

Texto elaborado especialmente para este Caderno

Dessa leitura, importa destacar:

1. A existência de várias imagens de Sócrates, construídas de acordo com a simpatia ou antipatia que as pessoas tinham dele, lembrando que essa multiplicidade de ima-

gens foi facilitada pelo fato de Sócrates nada ter escrito;

2. O retrato negativo e satírico traçado dele por Aristófanes;

3. As diferenças reais entre Sócrates e os sofistas;
4. As passagens extraídas da comédia *As nuvens*, procurando incentivar os alunos a lê-la na íntegra posteriormente.

Você pode iniciar traçando algumas considerações sobre Aristófanes (dados biográficos e principais obras) e a importância da comédia na Atenas dos séculos V e IV a.C. Sobre Aristófanes, cabe destacar, entre outros aspectos, que foi o mais famoso comediógrafo da Antiguidade grega e que escreveu cerca de 44 comédias, das quais 11 chegaram até nós, entre elas: *As nuvens*, *As vespas*, *Os pássaros*, *As rãs*, *A greve do sexo* (ou *Lisístrata*), *A revolução das mulheres*, e *Um deus chamado dinheiro* (cf. Kury, 1995, p. 7). Nunca é demais recomendar aos alunos a leitura dessas obras. Quanto à comédia, eram representações teatrais muito populares, nas quais se criticavam e satirizavam as instituições, os costumes, os políticos e, claro, os filósofos, como no caso da obra em questão. Sobre *As nuvens*, você pode narrar resumidamente o enredo para a sala, a fim de contextualizar melhor os trechos citados e facilitar sua compreensão. Vale resaltar, no entanto, como nos lembra Marilena Chaui (2003, p. 183), que Aristófanes não nos dá um retrato absolutamente fiel de Sócrates e de sua filosofia. O que ele nos revela é, sobretudo, a imagem predominantemente negativa que boa parte dos atenienses tinham de Sócrates, o que se evidencia pelo riso que esta personagem provocava.

Visando ajudar na compreensão e no aprofundamento da leitura realizada, são propostas duas atividades no Caderno do Aluno. A primeira consiste em um conjunto de questões destinadas a “apimentar” o debate. São elas:

- ▶ A comédia e o humor podem ser formas de propagação de preconceitos?
- ▶ Essas formas de manifestação artística e culturais são importantes para a democracia? Justifique.
- ▶ Você vê alguma semelhança entre o papel da comédia no tempo de Sócrates e o dos programas humorísticos atuais? Dê exemplos e comente.
- ▶ Em que sentido se pode afirmar que a imagem de Sócrates construída por Aristófanes é preconceituosa?
- ▶ Quais são as principais diferenças entre Sócrates, os filósofos pré-socráticos e os sofistas?

A segunda atividade é uma pesquisa complementar, a ser feita em casa, sobre o período histórico em que Sócrates viveu (Período Clássico). O aluno deverá consultar obras de história da Filosofia indicadas por você, ou mesmo a internet (*sites* confiáveis e sem “recorta e cola”) e responder:

- ▶ O que foi a comédia e qual a sua importância para a democracia ateniense? Cite alguns dos principais comediógrafos e suas obras.
- ▶ Pode-se afirmar que a imagem de Sócrates construída por Aristófanes é preconceituosa? Por quê? Em que sentido?
- ▶ Como era a democracia ateniense e em que ela se diferencia da democracia brasileira atual?
- ▶ Quais são as principais diferenças entre Sócrates, os filósofos pré-socráticos e os sofistas?

Referente a esta questão, o Caderno do Aluno traz um quadro para ajudar a organizar as respostas. A seguir, há um esboço de como ele pode ser preenchido. No entanto, cabe a você complementá-lo ou fazê-lo do modo que julgar mais adequado.

PRÉ-SOCRÁTICOS	SÓCRATES	SOFISTAS
Contexto histórico	Contexto histórico	Contexto histórico
Colônias gregas da Ásia Menor e da Magna Grécia; século VI ao IV a.C.; período arcaico.	Atenas, século V a.C.; período clássico; democracia ateniense; “Século de Péricles”; Guerra do Peloponeso.	Contemporâneos de Sócrates.
Pensamento	Pensamento	Pensamento
Preocupação em investigar o princípio que dá origem a todas as coisas (<i>physis</i>); constroem explicações racionais (não míticas) para essa indagação.	Preocupação com a política, a ética e o conhecimento; não se apresenta como sábio: “Sei que nada sei”; “Conhece-te a ti mesmo”; filosofa por meio do diálogo – método dialético e nada cobra por isso; busca da verdade (<i>epistème</i>); amigo do saber (<i>philosopho</i>).	Ensinam por discursos eloquentes e não por diálogo; cobram por seus ensinamentos; desacreditam na possibilidade de se conhecer a verdade universal – relativistas; preocupação em persuadir e não com a busca da verdade; praticantes da retórica; apresentam-se como sábios; amantes da opinião (<i>philodoxos</i>).

Com essas atividades espera-se que os alunos consolidem aspectos essenciais do conteúdo estudado e sejam capazes de articular esse estudo com a realidade sociocultural em que vivem.

Para fechar (sem encerrar) a discussão sobre o preconceito e a hostilidade em relação à Filosofia, propomos que, na quarta aula, o tema abordado seja *a morte de Sócrates*, a fim de explicitar a natureza política muitas vezes inerente a esse preconceito e a essa hostilidade.

Inicialmente, retome as questões respondidas em casa e peça aos alunos que exponham

suas respostas, promovendo um breve debate em classe. Em seguida, para introduzir o tema da morte de Sócrates, proponha aos alunos que conversem por alguns instantes com o colega ao lado (técnica do cochicho) sobre o seguinte desafio: “*Como é possível a alguém ser a pessoa mais sábia que existe e, ao mesmo tempo, ser também alguém que nada sabe?*”. O objetivo dessa indagação é introduzir o tema que será tratado no texto sobre Sócrates.

Proponha, então, que façam a leitura cuidadosa do texto a seguir, chamando a atenção para os trechos transcritos da obra de Platão, *Apologia de Sócrates*.

A morte de Sócrates

De acordo com Platão, as acusações contra Sócrates foram:

“Sócrates é réu por empenhar-se com excesso de zelo, de maneira supérflua e indiscreta, na investigação de coisas sob a terra e nos céus, fortalecendo o argumento mais fraco e ensinando essas mesmas coisas a outros”¹.

“Sócrates é réu porque corrompe a juventude e descrê dos deuses do Estado, crendo em outras divindades novas”².

Levado a julgamento, foi condenado à morte. Como e por que isso ocorreu?

Tudo começou quando Sócrates tomou conhecimento de que o oráculo do templo de Delfos, dedicado ao deus Apolo, havia proclamado que ele era o homem mais sábio de Atenas. Não se considerando como tal, mas, ao mesmo tempo, não podendo duvidar da palavra do deus, decidiu investigar o significado de tal revelação.

Procurou, então, aqueles cidadãos mais ilustres de Atenas e que eram tidos como os mais sábios da cidade. Eles pertenciam a três categorias sociais: os políticos, os poetas (autores de tragédias, como Aristófanes, e de ditirambos – cantos religiosos em homenagem ao deus Dioniso) e os artesãos.

Interrogando esses cidadãos (por meio de seu método dialético), constatou que, na realidade, nada sabiam dos assuntos em que eram tidos como sábios. Ao término da conversa com cada uma dessas pessoas Sócrates concluía:

“Sou mais sábio do que esse homem; nenhum de nós dois realmente conhece algo de admirável e bom, entretanto ele julga que conhece algo quando não conhece, enquanto eu, como nada conheço, não julgo tampouco que conheço. Portanto, é provável, de algum modo, que nessa modesta medida seja eu mais sábio do que esse indivíduo – no fato de não julgar que conheço o que não conheço”³.

Daí a famosa expressão atribuída a Sócrates: “sei que nada sei”.

Acontece que Sócrates praticava esses diálogos em praça pública, à vista de todos. Dentre os presentes havia sempre muitos jovens, filhos de famílias ricas, que dispunham de tempo livre (já que não precisavam trabalhar) e, por isso, podiam acompanhá-lo nessas ocasiões. Eles se divertiam vendo Sócrates “desbançar” os que se julgavam sábios e, mais tarde, punham-se a imitá-lo, interrogando outras pessoas e descobrindo muitas que supunham saber o que de fato não sabiam. Essas pessoas, que em geral eram gente importante e de prestígio na cidade, sentindo-se constrangidas, tornavam-se furiosas não contra esses jovens, mas contra aquele que consideravam responsável por tê-los ensinado tal comportamento, e passavam a propagar que: “Sócrates é o mais pestilento dos indivíduos e está corrompendo a juventude”. Na verdade, quando indagadas, tais pessoas não conseguiam provar tal acusação. Mas para esconder seu constrangimento, lançavam mão daquelas acusações que sempre são usadas contra todo “filósofo, ou seja, que [ensina] ‘as coisas no ar e as coisas sob a terra’ e ‘não crê nos deuses’, e ‘torna mais forte o argumento mais fraco’”⁴. Esta é a origem das “inimizades, a um tempo implacáveis e aflitivas”, do ódio, das “calúnias” e das acusações contra Sócrates⁵ e que acabaram por levá-lo à morte.

No fundo, Sócrates foi condenado porque, na democracia ateniense, os assuntos mais importantes da vida da cidade eram decididos em assembleias (*Ekklesia*) nas quais cada cidadão podia expressar livremente sua **opinião** em favor ou contra uma determinada posição. Era, pois, um regime político sustentado pela crença no valor das opiniões. Ora, o que Sócrates fazia com sua dialética era justamente

¹ PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. p. 139 [19 b-c].

² Ibidem. p. 146 [24 c].

³ Ibidem. p. 142-143 [21 d].

⁴ Ibidem. p. 145 [23 d].

⁵ Ibidem. p. 144 [23 a].

pôr em cheque as opiniões, mostrando que, muitas vezes, elas refletiam um conhecimento falso sobre o assunto em questão. Assim, para as pessoas importantes da cidade que costumavam discursar nessas assembleias, a “má” influência de Sócrates, sobretudo sobre os jovens, representava uma ameaça ao sistema democrático do qual se beneficiavam. Eis aí a natureza política da condenação de Sócrates.

Texto elaborado especialmente para este Caderno.

Para explicitar a natureza política das acusações contra Sócrates, você pode chamar a atenção para o contexto político (democracia) e cultural (tragédias, comédias) em que ele está inserido e para o perfil socioeconômico das pessoas que se sentem ameaçadas pelo seu jeito de filosofar. Mostre como se estabelece esse conflito e por que Sócrates precisa ser eliminado ou afastado. Em seguida, estimule os alunos

a pensar sobre a possibilidade de que esse tipo de intolerância com a Filosofia continue acontecendo nos dias de hoje. Uma vez motivados, peça a eles que escrevam uma breve reflexão sobre o tema “A natureza política do preconceito e da intolerância com a Filosofia”, à luz da experiência de Sócrates e do seguinte excerto do artigo “Errar é humanas”, extraído da revista *Veja*, reproduzido no Caderno do Aluno:

“Errar é humanas”

“[...] É impossível estudar filosofia se você não sabe ler. Essas aulas serão apenas uma maneira mais escancarada de se praticar o doutrinamento do marxismo rastaquera que impera em nossas escolas. Eu particularmente ficaria muito contente se os nossos alunos sáissem do Ensino Médio ignorantes de filosofia e sociologia, mas conseguindo ler um texto e entendendo-o, para que tomassem suas próprias conclusões filosóficas ao lerem seus próprios livros.”

Gustavo Ioschpe. Editora Abril. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/gustavo_ioschpe/notas_300608.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2008.

Você pode recolher esses textos, comentá-los e devolvê-los na aula seguinte. Se desejar, esse pode ser também um instrumento de avaliação.

Para finalizar, solicite aos alunos que, em casa, pesquisem na internet ou em outras fontes, piadas sobre a Filosofia, os filósofos e os professores de Filosofia. Eles devem transcrever pelo menos uma no espaço indicado no Caderno do Aluno e levá-la para ser objeto de discussão na próxima aula.

Avaliação da Situação de Aprendizagem

A avaliação deve verificar se as competências e habilidades esperadas foram satisfatoriamente desenvolvidas. As atividades sugeridas ao longo dessas quatro aulas já visavam a alcançar esse objetivo, de modo que também podem ser tomadas como instrumentos de avaliação. De todo modo, apresentamos a seguir algumas atividades de avaliação, lembrando, porém, que cabe a você, professor, que conhece de fato seus alunos

e o rendimento que tiveram na sua disciplina, decidir sobre como e quando avaliá-los.

Questões para avaliação

1. Comente a afirmação: “A Filosofia é uma ciência com a qual ou sem a qual o mundo fica tal e qual”.

Espera-se que os alunos sejam capazes de criticar essa ideia, interpretando-a como expressão de preconceito e intolerância com a Filosofia.

2. A partir do excerto a seguir, explique o significado político das acusações contra Sócrates.

Sócrates é réu de corromper a mocidade e de não crer nos deuses em que o povo crê e sim em outras divindades novas.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro. 2008, p. 17.

Espera-se que o aluno demonstre ter compreendido as razões políticas das acusações contra Sócrates e de sua condenação e que, de certo modo, esta situação pode se repetir com a Filosofia e os filósofos nos dias de hoje.

3. Escreva uma breve reflexão pessoal (10 a 15 linhas) sobre a seguinte questão: “Quem, na sociedade em que vivemos, tem razões para temer a Filosofia e os filósofos, a exemplo do que ocorreu com os juízes de Sócrates?”.

A ideia é que, levando em conta os exemplos históricos (Tales e Sócrates) e o excerto da matéria jornalística (“Errar é humano”), o aluno perceba que o exercício da Filosofia, quando assumido com autenticidade (como

no caso de Sócrates), pode mexer com os interesses de certos setores da sociedade, gerando, da parte destes, intolerância com os filósofos ou mesmo perseguição a eles.

Propostas de Situações de Recuperação

Caso os alunos não consigam obter o rendimento esperado, apresentamos algumas sugestões de atividade de recuperação.

Proposta 1

Peça aos alunos que preparem em casa um cartaz com fotos, desenhos, charges, enfim, imagens que retratem situações de preconceito, incluindo o preconceito contra a Filosofia. Em classe, os alunos deverão apresentar o cartaz e a análise crítica que fizeram dessas situações, explicitando claramente a noção de preconceito e as consequências que ele pode trazer. Além do cartaz, eles devem entregar uma síntese escrita (20 a 30 linhas) do conteúdo dessa exposição.

Proposta 2

Com base no estudo realizado, os alunos poderão elaborar uma dissertação (20 a 30 linhas) sobre o seguinte tema: “Quem tem medo da Filosofia?”. Solicite que incluam no texto citações dos excertos contidos nas leituras do Caderno do Aluno, indicando corretamente as referências bibliográficas. Você também pode sugerir leituras complementares que os auxiliem a enriquecer o trabalho.

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

Para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema desenvolvido nesta Situação de Aprendizagem,

assim como oferecer subsídios teóricos, conceituais e metodológicos para os docentes, indicamos as seguintes obras:

Livros

ARISTÓFANES. *As nuvens; Só para mulheres; Um deus chamado dinheiro*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. A obra traz as três comédias indicadas no título, antecedidas por uma introdução, escrita pelo tradutor, na qual este apresenta sucintamente o enredo desses textos.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. A passagem referente à anedota sobre Tales encontra-se no capítulo II do Livro I, dedicado à propriedade e aos meios de adquiri-la.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Esta obra

pode ser de grande ajuda, particularmente os capítulos 2 e 3 intitulados, respectivamente, *Os pré-socráticos e os sofistas* e *Sócrates: o humano como tema e problema*.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates. Diálogos socráticos III*. Tradução Edson Bini. São Paulo/Bauru: Edipro, 2008. Esta obra é fundamental para a discussão sobre o preconceito contra Sócrates e a intolerância com ele. Você pode, inclusive, extrair dela outras passagens que considerar adequadas para aprofundar a discussão ou mesmo estimular os alunos a lê-la por completo.

PLATÃO. *Diálogos. Teeteto / Crátilo*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém, Editora Universitária UFPA, 2001. Na sequência à passagem referente à anedota sobre Tales (p. 83 ss [174^a-b]) encontra-se também nesta obra uma discussão sobre o preconceito em relação aos filósofos, cujo conhecimento e/ou utilização pode enriquecer o trabalho em sala de aula.

TEMA 2 – TODOS OS HOMENS SÃO FILÓSOFOS

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é destacar e problematizar uma das formas mais comuns de preconceito contra a Filosofia, qual seja, aquela que a considera como uma atividade intelectual muito difícil e, por isso, acessível apenas a uma minoria de inteligência privilegiada. Com base nas contribuições de Antonio Gramsci, a ideia é mostrar que, num certo sentido, todos somos filósofos, pois todos somos capazes de refletir, pensar, conhecer com algum grau de logicidade e sistematização, ainda que não o façamos da mesma maneira que os filósofos profissionais. Na realidade, é interessante explicitar, como também faz Gramsci, a diferença entre o “filósofo” (entre aspas) que todos somos e o filósofo (sem aspas) especialista, mas não para dizer que este último é melhor ou superior ao primeiro, mas, ao contrário, para deixar claro que todos são potencialmente filósofos (sem aspas) e capazes de avançar na direção de um filosofar cada vez mais próximo daquele praticado pelos filósofos especialistas.

O desafio é despertar nos alunos a consciência dessa sua potencialidade e da importância de que seja desenvolvida, atualizada, mostrando-lhes que esse desenvolvimento é essencial para a sua formação como cidadãos críticos e conscientes de sua condição de sujeitos da história e que o estudo da Filosofia na escola pode ajudá-los a atingir esse objetivo. Daí a importância de que sejam motivados a se dedicar a ele com afinco.

Para desenvolver esse tema são propostas quatro aulas, tendo como principal referencial teórico Antonio Gramsci, em sua obra *Cadernos do cárcere*, agora colocando os alunos em contato com algumas passagens literais dessa obra. Inicialmente, procuraremos demonstrar que a Filosofia, de certo modo,

está presente em diversas instâncias do senso comum (na linguagem, no bom senso, na religião etc.), ainda que a maioria das pessoas não se dê conta disso. Tal fato é importante para demonstrar que, na realidade, a Filosofia não está assim tão distante das pessoas como comumente se imagina. Uma vez constatado isso, será preciso esclarecer que, a despeito de certa familiaridade que, de algum modo, todos temos com a Filosofia, por outro lado há também uma clara distinção entre o “filósofo” que todos somos e o filósofo especialista ou profissional (sexta aula). Essa distinção, no entanto, não visa a estabelecer barreiras entre esses dois níveis do filosofar, mas, ao contrário, apontar caminhos para que o “filosofar” espontâneo comum a todos os homens avance cada vez mais na direção de um filosofar mais parecido com o dos filósofos especialistas. E a escola pode contribuir para isso na medida em que possibilita o contato dos estudantes com o pensamento dos filósofos.

A sétima aula é dedicada à retomada, agora em bases um pouco diferentes, do conceito de Filosofia, já trabalhado na 1ª série do Ensino Médio. A proposta é partir da etimologia da palavra (filosofia como amor pelo saber) para apresentar o filósofo como aquele que se reconhece como ignorante (não-sábio), mas que, ao mesmo tempo, anseia pelo saber (*sofia*) e que, nesse sentido, se distingue do *philodoxo* (amante da opinião). Neste momento, serão utilizados alguns excertos da obra *O banquete*, de Platão. Finalmente, na oitava e última aula desta Situação de Aprendizagem, é apresentada a definição de Filosofia como “reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas da realidade”, segundo a concepção de Dermeval Saviani, exposta no texto *A filosofia na formação do educador*. Concluindo, retornaremos a Gramsci para reforçar a im-

portância política do contato com a Filosofia para a formação da cidadania.

Aqui também a proposta é que os alunos reflitam criticamente sobre esses temas, indivi-

dual e coletivamente, e se expressem oralmente e por escrito a respeito deles de forma rigorosa, com a mediação do professor e da leitura dos textos contidos no Caderno do Aluno.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 FILOSOFIA: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: a presença da Filosofia no cotidiano (linguagem, senso comum, bom senso, religião etc.); a distinção entre o “filósofo” que todos somos e o filósofo profissional ou especialista; a filosofia como reflexão; a importância da Filosofia na formação da cidadania.

Competências e habilidades: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Exame Nacional do Ensino Médio – Enem); identificar a presença da filosofia no cotidiano; estabelecer a distinção entre o “filosofar” espontâneo, próprio do senso comum, e o filosofar propriamente dito, típico dos filósofos especialistas; definir a Filosofia como reflexão; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses e questões a partir das leituras e debates realizados.

Estratégias: levantamento das noções contidas no senso comum e que têm origem em doutrinas filosóficas por meio de dinâmicas de grupo e debates sobre expressões da linguagem comum, ditados populares e músicas; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento; pesquisa bibliográfica e na internet.

Recursos: música: “Bom conselho”, de Chico Buarque; ditados populares; *CD player*; internet; bibliografia complementar.

Avaliação: sugere-se que sejam avaliados o domínio pelos alunos do conteúdo (conceitos, ideias, raciocínios etc.) estudado; sua capacidade de expressão clara, fluente, coerente, bem articulada e consistente (bem fundamentada, buscando superar o senso comum); o envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Como instrumentos de avaliação, recomendam-se dissertações individuais; provas dissertativas e reflexivas; verificação das atividades do Caderno do Aluno; outros trabalhos que o professor julgar adequados e pertinentes.

Sondagem e Sensibilização

Para esta sondagem está prevista uma aula (a quinta do bimestre).

Propomos que, inicialmente, com os alunos

distribuídos em grupos, você lhes apresente as seguintes expressões extraídas da linguagem comum, chamando sua atenção para os termos destacados em negrito.

O essencial é invisível aos olhos.	As aparências enganam.
A justiça tarda, mas não falha.	Todos somos iguais perante a lei.
É preferível a democracia à ditadura.	A liberdade exige responsabilidade .
A felicidade não se compra.	O amor é lindo.

Em seguida, peça que desenvolvam a atividade proposta no Caderno do Aluno, composta das seguintes questões:

- ▶ O que os termos grifados significam para você?
- ▶ Você sabia que esses termos são, na verdade, conceitos filosóficos que se tornaram senso comum?
- ▶ Cite mais algumas expressões do senso comum que contenham conceitos filosóficos.

A ideia é ajudá-los a perceber que a Filosofia está mais próxima de nós e presente em nosso dia-a-dia do que imaginamos. Essa percepção tem por objetivo mostrar que a ideia de que a Filosofia é algo muito difícil e distante das pessoas comuns é falsa e reflete um preconceito que, em última instância, leva à exclusão dessas pessoas do contato com o pensamento filosófico.

Roteiro para aplicação da Situação de Aprendizagem

Oriente aos alunos para lerem o texto inserido no Caderno do Aluno e reproduzido a seguir. O objetivo é que compreendam, na perspectiva gramsciana, em que sentido se pode afirmar que todos os homens são “filósofos”. Trata-se de mostrar que, de certo modo, a Filosofia está presente em nosso cotidiano (na linguagem, no senso comum, no bom senso, na religião, enfim, em todo o nosso sistema de crenças e opiniões), influenciando nosso modo de agir e pensar, mesmo que não tenhamos consciência disso. Com esse texto, você pode, também, explorar os conceitos de “senso comum” e “bom senso”, cuja compreensão será importante para a percepção do papel da Filosofia de superação do senso comum.

Todos os homens são “filósofos”

Antônio Gramsci, um filósofo italiano do século passado, já alertava para a necessidade de se combater o preconceito muito difundido de que a Filosofia é uma atividade intelectual muito difícil e, por isso, restrita a uma minoria de inteligência supostamente privilegiada. Isso porque, para ele, num certo sentido, “todos os homens são ‘filósofos’”, pois, de algum modo, todas as pessoas, sem distinção, independentemente de seu grau de escolaridade, lidam, convivem, trabalham com a Filosofia e a utilizam no seu dia-a-dia, mesmo que não se apercebam disso. Afinal, a Filosofia está presente “na linguagem, no senso comum, no bom senso, na religião”, enfim, “em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ser e agir” que caracteriza o que convencionalmente se denomina de “folclore”¹ e do qual todos participam².

¹ Folclore: do inglês, *folk* = povo, nação + *lore* = conhecimento tradicional, instrução, educação. Portanto, o termo “folclore” pode ser traduzido genericamente como “conhecimento popular” ou “cultura popular” ou ainda como “senso comum”.

² GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo de Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 93.

A filosofia está presente na linguagem porque esta não é pura e simplesmente um amontoado de “palavras gramaticalmente vazias de conteúdo”. Ao contrário, ela é um “conjunto de noções e conceitos determinados”³, muitos dos quais derivados da Filosofia, como vimos nas frases acima. Portanto, a Filosofia está presente na linguagem que utilizamos, mesmo que não tenhamos consciência disso. Daí porque, para Gramsci: “Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum)”⁴.

O senso comum é o conjunto de valores, crenças, opiniões, preferências, que constitui a nossa visão de mundo e que orienta nossas ações e escolhas cotidianas. Em geral é assimilado acriticamente, sem qualquer questionamento. A exemplo do que acontece com a linguagem, muitos desses valores e crenças têm origem da filosofia, mas nós os assimilamos espontaneamente, sem nos darmos conta de sua origem. Simplesmente pensamos e vivemos de uma determinada maneira, acreditamos em certo grupo de valores, defendemos alguma posição política, ideológica ou religiosa, e assim por diante, sem, no entanto, nos preocuparmos em fundamentar nossas opiniões. Ao contrário, contentamo-nos com argumentos superficiais, muitas vezes até inconsistentes ou contraditórios.

O “bom senso”, por sua vez, “é algo que se contrapõe ao senso comum” e, nesse sentido, “coincide com a filosofia”⁵. Enquanto o senso comum é acrítico, espontâneo, irrefletido, o bom senso implica refletir, tomar consciência de que os acontecimentos possuem uma dimensão racional e que, portanto, devem ser compreendidos e enfrentados também de forma racional, a fim de se obter uma orientação consciente para a ação, evitando se deixar levar por “impulsos instintivos e violentos”⁶.

Esse “bom senso” é o que Gramsci chamou de “núcleo sadio do senso comum”⁷. Ou seja, mesmo ao nível do senso comum é possível refletir, pensar de maneira crítica sobre a realidade, tomar consciência dela e agir de modo coerente com essa consciência. E isso, de certo modo, já é “filosofar”, pelo menos um filosofar ao nível do senso comum. De fato, não é raro vermos pessoas simples, às vezes com pouca ou nenhuma escolaridade, que revelam um entendimento aguçado e bem elaborado da realidade em que vivem.

Finalmente a Filosofia está presente na religião porque também na experiência religiosa nos deparamos com questões e conceitos (Deus, alma, morte, etc.) que foram e continuam sendo objeto da reflexão e da elaboração dos filósofos.

Portanto, se a Filosofia está contida na linguagem, no senso comum, no bom senso e na religião, podemos dizer então que ela está presente em todas as dimensões da vida humana, sendo, portanto, familiar a todas as pessoas. Afinal, toda atividade humana, mesmo aquelas que são predominantemente práticas (as diversas formas de trabalho manual, por exemplo), é sempre acompanhada de um pensar, de um saber, em suma, de um trabalho intelectual, racional, reflexivo. É nesse sentido que podemos afirmar que “todos os homens são ‘filósofos’”.

Texto elaborado especialmente para este Caderno

³ Idem.

⁴ Ibidem. p. 398.

⁵ Ibidem. p. 96.

⁶ Ibidem. p. 98.

⁷ Ibidem. p. 98.

Após a leitura do texto, sugerimos uma atividade de caráter lúdico para auxiliar os alunos a identificar a diferença entre *senso comum* e *bom senso* e a perceber a existência de diversas formas de expressão do bom senso, como, por exemplo, a arte, particularmente a música. Antes, divida a sala em grupos e solicite que comentem o significado que têm para eles os seguintes ditados:

- ▶ Se conselho fosse bom, não se dava de graça.
- ▶ É só dormir que a dor passa.
- ▶ Quem espera sempre alcança.
- ▶ Quem brinca com fogo acaba se queimando.
- ▶ Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.
- ▶ Pense duas vezes antes de agir.
- ▶ Devagar se vai ao longe.
- ▶ Quem semeia vento colhe tempestade.

Após algum tempo, apresente-lhes a música *Bom conselho*, de Chico Buarque, e peça que comparem os ditados em sua formulação original com a versão escrita por Chico Buarque na canção. Para tanto, devem usar como roteiro as questões propostas no Caderno do Aluno, a saber:

- ▶ O que a inversão sugerida por Chico Buarque provoca nos ditados?
- ▶ O que foi preciso ao compositor para chegar ao resultado por ele obtido?
- ▶ Como os conceitos de “senso comum” e “bom senso” podem ser associados a essas duas versões dos ditados?

Espera-se que os alunos percebam que, na versão original, na qual os ditados são empregados sem reflexão, sem questionamento, sem crítica, eles podem conter uma mensagem tácita de acomodação e conformismo, ao passo que na versão elaborada por Chico Buarque, essa dimensão conformista é explicitada e problematizada por meio da simples inversão dos ditados. Nesse sentido, a versão original pode ilustrar o “senso co-

mun”, enquanto a versão da música pode representar o “bom senso”. Cabe destacar, também, que a passagem de um nível de compreensão para outro requer a mediação da reflexão, da crítica, ou, num certo sentido, a mediação do filosofar.

A seguir apresentamos a letra da música de Chico Buarque. Seria interessante tocá-la para os alunos, pois alguns podem não conhecê-la.

Bom conselho

Ouçá um bom conselho
 Eu lhe dou de graça
 Inútil dormir que a dor não passa
 Espere sentado
 Ou você se cansa
 Está provado
 Quem espera nunca alcança
 Venha meu amigo
 Deixe esse regaço
 Brinque com meu fogo
 Venha se queimar
 Faça como eu digo
 Faça como eu faço
 Aja duas vezes
 Antes de pensar
 Corro atrás do tempo
 Vim de não sei onde
 Devagar é que não se vai longe
 Eu semeio vento
 Na minha cidade
 Vou pra rua e bebo a tempestade.

HOLANDA, Chico Buarque de, 1972 © Marola Edições Musicais Ltda.

A título de complementação e aprofundamento do estudo, você pode solicitar que, em casa, os alunos releiam o texto e respondam às perguntas da ficha de leitura contida no Caderno do Aluno. Trata-se, em suma, de

um modelo simplificado de fichamento, cujo objetivo é familiarizar o aluno com esta técnica de estudo, de modo que ela lhe seja útil no estudo de textos filosóficos e também no de outras disciplinas. As perguntas da ficha de leitura são as seguintes:

- ▶ Qual é a tese (ideia central) do autor?
- ▶ Que argumentos ele utiliza para sustentar sua tese?
- ▶ A que conclusão ele chega?
- ▶ Você concorda com a tese do autor? Justifique.

Com essa atividade, espera-se que os alunos aprendam a identificar a ideia central de um texto (tese) e os argumentos que a sustentam e a se posicionarem crítica e consistentemente em relação ao autor. Trata-se, portanto, de exercitá-los na leitura e interpretação de textos teóricos, competência necessária à prática do filosofar.

Propomos, ainda, como atividade complementar, uma pesquisa a ser feita em casa. Os alunos deverão encontrar o poema *Operário em construção*, de Vinicius de Moraes, e, valendo-se dos conceitos de “senso comum” e “bom senso”, analisar a trajetória percorrida

pela consciência do operário. Para essa tarefa, você pode dar a eles um tempo maior, por exemplo, de uma ou duas semanas. O exercício é semelhante ao praticado com a música *Bom conselho*, mas agora deverá ser feito pelos alunos com relativa autonomia. Essa última atividade poderá também ser usada como instrumento de avaliação, caso você julgue pertinente.

O tema da aula seguinte (sexta aula) será a distinção entre o “filósofo” que todos somos (um filosofar espontâneo, de senso comum) e o filósofo especialista, profissional. Para introduzir este tema, você pode pedir aos alunos que pensem por uns instantes sobre a seguinte questão: “*Todo brasileiro é um técnico de futebol, embora nem todos exerçam essa função profissionalmente*”.

Em seguida, peça a eles que comparem essa frase com a exclamação de Gramsci de que “*Todos os homens são ‘filósofos’*”. Você pode chamar a atenção dos alunos para o fato de que a palavra “filósofos” aparece entre aspas e indagar o que isso significa. O objetivo desta atividade é instigar os alunos para a leitura do texto a seguir em que essa distinção será mais bem apresentada.

Filósofos e “filósofos”

Se “*todos os homens são ‘filósofos’*”, como quer Gramsci, qual é, então, a diferença entre o filosofar de uma pessoa comum e o de um filósofo profissional ou especialista? O próprio autor esclarece:

“O filósofo profissional ou técnico não só ‘*pensa*’ com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, isto é, sabe as razões do desenvolvimento que o pensamento sofreu até ele e está em condições de retomar os problemas a partir do ponto em que eles se encontram após terem sofrido a mais alta tentativa de solução etc. Ele tem, no campo do pensamento, a mesma função que os diversos campos científicos têm os especialistas”¹.

¹ GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do Cárcere*: Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 410.

Trocando em miúdos, podemos dizer que o filósofo especialista: pensa, reflete, raciocina observando mais cuidadosamente as regras da lógica e os procedimentos metodológicos que utiliza; conhece a história do pensamento, isto é, a história da Filosofia; é capaz de analisar os problemas de seu tempo à luz da contribuição dos filósofos do passado que já se debruçaram sobre eles.

Mas se existe essa diferença entre o filósofo especialista e o não-especialista, por que então afirmar que “todos os homens são ‘filósofos’”? Justamente para combater e destruir aquele preconceito de que a filosofia é uma atividade muito difícil e restrita a uma minoria.

É importante perceber que a propagação desse preconceito cumpre uma função política conservadora, na medida em que afasta a Filosofia do contato com as massas, com o povo, com as pessoas mais simples. Dessa forma, impedidas de se apropriar dos conceitos e das teorias elaboradas pelos filósofos, as pessoas ficam desprovidas dessas ferramentas intelectuais que lhes permitiriam superar mais facilmente o senso comum e adquirir um conhecimento mais crítico e elaborado da realidade em que vivem.

Além disso, cabe afirmar que todos os homens são “filósofos” para deixar claro que todas as pessoas são potencialmente capazes de avançar de um “filosofar” espontâneo, assistemático, restrito ao senso comum, para um filosofar mais elaborado e rigoroso, semelhante ao praticado pelos filósofos especialistas. Para isso, é necessário que a Filosofia e os filósofos estejam em permanente contato com o povo, a fim ajudarem a promover um avanço cultural de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. Só através desse contato é que uma filosofia se torna “histórica”, depura-se de elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em “vida”.²

Texto elaborado especialmente para este Caderno

² GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 100.

Para salientar as ideias principais do texto, o Caderno do Aluno traz um conjunto de questões que serve de roteiro para sua interpretação e compreensão. São elas:

- ▶ Qual é a diferença entre o “filósofo” e o filósofo especialista, segundo Gramsci?
 - ▶ Qual é o objetivo de Gramsci ao afirmar que “todos os homens são ‘filósofos’”?
 - ▶ Explique por que a ideia de que a Filosofia é uma atividade muito difícil e acessível apenas a poucos privilegiados é politicamente conservadora.
- ▶ Para você, o ensino de Filosofia na escola pode ser uma forma de aproximá-la do povo e de promover um avanço cultural de massa? Justifique.

Naturalmente, você pode substituir ou acrescentar questões de acordo com suas expectativas e necessidades.

Como atividade a ser desenvolvida em casa e visando ao aprofundamento dessa discussão, propomos que o aluno leia e interprete um excerto de Gramsci que sintetiza o que foi estudado.

“É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características dessa ‘filosofia espontânea’ peculiar a ‘todo mundo’, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ser e de agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por ‘folclore’”¹.

¹ GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 93.

Estabelecida a diferença entre o filósofo especialista e o filósofo que todos somos, trata-se, agora, de aprofundar a compreensão do conceito de Filosofia. Este será o tema das duas últimas aulas (sétima e oitava) desta Situação de Aprendizagem.

Para motivar os alunos, propomos que você os desafie a pensar sobre o significado da seguinte afirmação: “O filósofo é aquele que se situa entre a ignorância e a sabedoria”. Dê alguns minutos para que eles reflitam (individualmente ou em grupos) e, então, solicite que respondam as outras duas atividades preliminares do Caderno do Aluno:

- ▶ Elaborar uma breve definição de Filosofia.
- ▶ Estabelecer a diferença entre saber e opinar sobre alguma coisa.

O objetivo é introduzir a ideia central que será desenvolvida nesta aula, qual seja, a de

que a Filosofia consiste numa atitude de amor pelo saber. Quem ama sente-se e reconhece-se carente do objeto amado e, por isso, vai em busca dele. Esta é uma imagem recolhida da obra *O banquete*, de Platão, para retratar a atitude filosófica: daquele que se reconhece como ignorante, isto é, carente de saber e, ao mesmo tempo, deseja ardentemente esse saber, pondo-se à sua procura. Mas é importante destacar que o saber almejado pela Filosofia não é de um tipo qualquer. Trata-se, ao contrário, de um saber que é *sophia* (saber verdadeiro, demonstrável, que independe de opiniões particulares) em oposição à *doxa* (opinião). Introduce-se, assim, a distinção feita por Platão entre o *philosopho* (amante do saber) e o *philodoxo* (amante da opinião).

Após essa provocação inicial, você pode solicitar que leiam atentamente o texto a seguir, presente também no Caderno do Aluno, no qual será abordado o tema mencionado.

O que é, afinal, a Filosofia?

Começemos pela origem da palavra. *Filosofia* vem do grego (*philo* = amigo ou amante + *sophia* = saber, sabedoria) e significa amor ou amizade pelo saber. Quem ama sente-se carente do objeto amado e, por isso, vai à sua procura. No caso do filósofo, como o objeto de seu desejo é o saber, o conhecimento, é a este que ele busca.

Para explicar o sentido dessa atitude de busca do saber, própria da Filosofia, Platão, em sua obra *O banquete*, recria, pela boca de Sócrates, o mito do nascimento do Amor.

Quando nasceu Afrodite, conta Sócrates, os deuses deram um banquete para celebrar a ocasião. Entre eles, encontrava-se também Recurso, filho de Prudência. Quando o jantar terminou, Pobreza chegou e postou-se à porta para esmolar. Recurso havia se embriagado e, dirigindo-se ao jardim de Zeus, adormeceu. Pobreza, aproveitando-se da situação, deitou-se ao seu lado e concebeu o Amor. Assim, gerado no dia do nascimento de Afrodite, Amor tornou-se seu companheiro e servo e, ao mesmo tempo, amante do belo, pois Afrodite é bela.

Por ser filho de Pobreza e Recurso, ele é, por parte de mãe, “sempre pobre”, carente e padecedor de muitas necessidades; por parte de pai, porém, “ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista”¹.

Por essa sua natureza dividida, Amor está no meio entre a sabedoria e a ignorância. A sabedoria é a condição daquele que já possui o saber e, por isso, não sente necessidade de buscá-lo. É o caso dos deuses. Por isso os deuses não filosofam. Os ignorantes, por sua vez, embora nada saibam, julgam saber o suficiente e, por isso, não anseiam por saber mais. Logo, também não filosofam.

Quem então filosofa?, pergunta Sócrates. Aqueles que estão entre esses dois extremos: a sabedoria e a ignorância. Um deles é o Amor.

“Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa dessa sua condição é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre”².

Mas o saber a que o filósofo almeja não é de um tipo qualquer. Não é, por exemplo, aquele do senso comum que se expressa como opinião e ao qual os gregos antigos denominavam *doxa*. O saber buscado pelo filósofo é *sophia*, isto é, um saber bem fundamentado, amparado em demonstrações racionais consistentes e passível de ser considerado verdadeiro, independentemente das opiniões particulares. O mesmo tipo de saber buscado por Sócrates por meio de seu método dialético. Não fosse assim, o termo *philosopho* (amante do saber) deveria ser substituído por *philodoxo* (amante da opinião).

Texto elaborado especialmente para este Caderno

¹ Platão, *O banquete*. Rio de Janeiro: Difel, 1983. p. 35.

² *Ibidem*. p. 36.

Para ajudar a consolidar a compreensão de algumas das principais ideias do texto, você pode pedir que respondam às questões do Caderno do Aluno e transcritas a seguir:

- ▶ Em que sentido Platão afirma que filosofam aqueles que se encontram entre a sabedoria e a ignorância?
- ▶ Em que consiste a diferença entre o *philosopho* e o *philodoxo*?
- ▶ Qual desses adjetivos se aplica melhor a você? Justifique.

Note que a primeira questão retoma a que foi posta inicialmente, com a intenção de que os alunos repensem-na, agora à luz da leitura e da reflexão realizada. Esta última atividade também pode ser proposta para ser realizada em casa, se o tempo em classe não for suficiente.

A oitava e última aula desta Situação de Aprendizagem abordará a noção de Filosofia como reflexão.

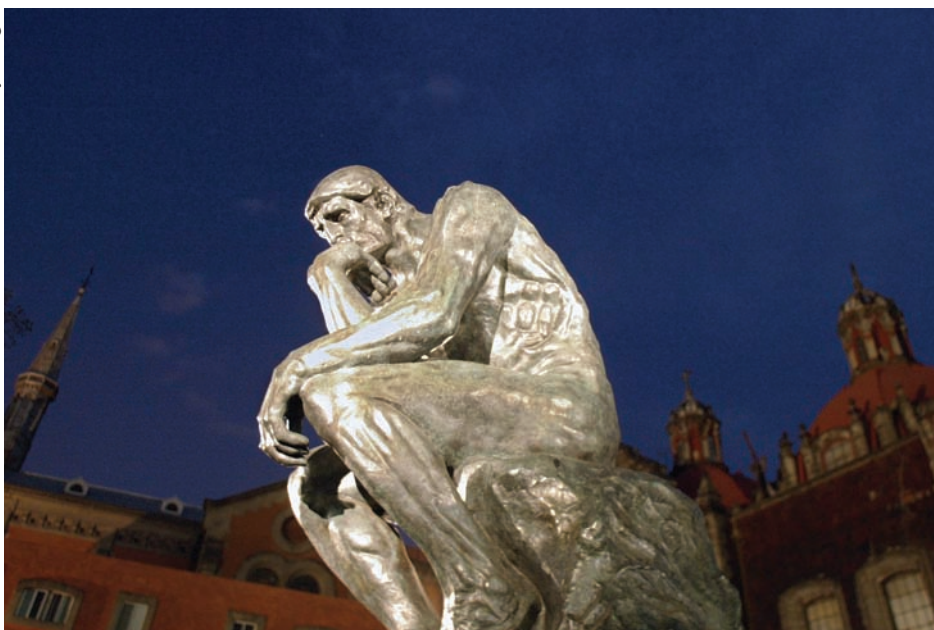
Inicialmente, é importante deixar claro para os alunos que esta é uma entre muitas outras possibilidades de definição da Filosofia e que o objetivo não é impor arbitrariamente a aceitação desta que será apresentada, mas apenas de tomá-la como ponto de referência para a compreensão do papel da Filosofia na formação da cidadania.

Como motivação inicial, sugerimos aos alunos que reflitam por alguns instantes sobre

a seguinte afirmação de Dermeval Saviani, contida no Caderno do Aluno: “Se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão”¹.

Para complementar esta atividade, peça que observem a famosa imagem da escultura *O pensador*, de Auguste Rodin (1840-1917), tradicionalmente associada ao filósofo, e respondam: “O que ela lhe diz sobre o conceito de reflexão?”.

© Alfredo Estrella/AFP Photo/Getty Images



O pensador, de Auguste Rodin.

O objetivo dessa atividade preliminar é, além de motivar os alunos para o estudo a ser compreendido, problematizar a noção comum (de senso comum) de reflexão como atividade intelectual puramente abstrata, desligada da realidade concreta, ou como pura contemplação, ou ainda como devaneio, divagação. Ao contrário, pretende-se focalizar a reflexão filosófica como aquela que se debruça sobre problemas concretos e prementes da realidade,

de, a exemplo do que fizeram os filósofos em sua época.

O passo seguinte é a leitura criteriosa do texto a seguir, reproduzido do Caderno do Aluno, cuja finalidade é apresentar a definição de Filosofia como “reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta”, conforme propõe Dermeval Saviani.

¹ SAVIANI, Dermeval. A filosofia na formação do educador. In: _____. *Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2007. p. 20. <www.autoresassociados.com.br>.

A Filosofia como reflexão

Vimos que etimologicamente a palavra *filosofia* significa busca do conhecimento verdadeiro, ou seja, *busca da verdade*. A forma pela qual a filosofia realiza essa busca da verdade é por meio da reflexão. Mas o que é refletir?

Em primeiro lugar, refletir não é o mesmo que pensar. Como nos lembra o professor Dermeval Saviani (1986: 20): “Se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão”. O pensamento é um ato corriqueiro, singelo, espontâneo, que realizamos descompromissadamente a todo instante, até mesmo sem perceber. A reflexão, por sua vez, é uma atitude mais consciente, mais comprometida, que implica pensar mais profundamente sobre um determinado assunto, repensá-lo, problematizá-lo, submetendo-o à dúvida, à crítica, à análise, buscando seu verdadeiro significado.

Acontece que nem toda reflexão é filosófica. Segundo Saviani (1986: 26), para isso ela precisa satisfazer, ao mesmo tempo, a pelo menos três exigências:

- ▶ ser radical, isto é, analisar em profundidade o problema em questão, buscando chegar às suas raízes, aos seus fundamentos;
- ▶ ser rigorosa, ou seja, proceder com coerência, de forma sistemática, segundo um método bem definido para propiciar conclusões válidas e bem fundamentadas;
- ▶ e ser de conjunto, isto é, tomar o objeto em questão não de forma isolada e abstrata, mas numa perspectiva de totalidade, ou seja, levando em consideração os diversos fatores que, num dado contexto, o determinam e condicionam.

Além disso, vale lembrar que filosofar implica questionar e superar o senso comum. Para tanto, é preciso utilizar certos conceitos e teorias necessários para a compreensão mais aprofundada dos temas e problemas sobre os quais se vai refletir. Ora, como esses conceitos e teorias estão contidos nas obras dos filósofos, é importante estudá-las, não para memorizá-los mecanicamente, mas para compreendê-los, apropriar-se deles e empregá-los como ferramentas para a análise, interpretação e transformação da realidade.

Mas ao entrarmos em contato com a obra de um filósofo, não apreendemos apenas os conceitos por ele desenvolvidos. Apreendemos também o seu jeito de pensar, de raciocinar, de argumentar, de organizar as ideias, de raciocinar, enfim, o seu “estilo reflexivo”¹, o que também nos ajuda a melhorar cada vez mais nosso próprio jeito de pensar.

É dessa forma, estudando o pensamento dos filósofos e nos exercitando mais e mais na prática da reflexão, que nos tornamos cada vez mais filósofos.

Texto elaborado especialmente para este Caderno

¹ SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Proposta Curricular para o Ensino de Filosofia*: 2ª. Grau. São Paulo: SE/CENP. 1992 (2ª. versão preliminar).

Após a leitura e o esclarecimento das possíveis dúvidas, você pode propor que os alunos desenvolvam as atividades indicadas no Caderno do Aluno. Trata-se, primeiro, de verificar se a definição de Filosofia apresentada foi devidamente compreendida. Para tanto, os alunos deverão explicar o significado da afirmação de D. Saviani, na qual diz que a filosofia é uma “reflexão radical, rigorosa e de

conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta” (SAVIANI, D. A filosofia na formação do educador. In: SAVIANI. *Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2007. p. 24. <www.autoresassociados.com.br>).

Em segundo lugar, com base nessa definição, os alunos deverão responder à pergunta

sobre quem pode filosofar. Espera-se que tenha ficado suficientemente claro que tal reflexão é passível de ser praticada por todas as pessoas, sem distinção, de modo a reforçar a tese de que “todos os homens são ‘filósofos’”. Por outro lado, embora todos possam potencialmente empreendê-la, alguns requisitos são necessários para que ela se caracterize como filosófica (radicalidade, rigor e perspectiva de conjunto). Isso significa que a reflexão filosófica não pode ser praticada de forma espontânea, descomprometida. Antes, ela requer dedicação, esforço e, muitas vezes, trabalho árduo, cuja recompensa será

um conhecimento mais elaborado e crítico do objeto dessa reflexão.

Para finalizar, propomos que você retome a questão da utilidade *versus* inutilidade da Filosofia por meio de dois excertos a seguir. Sugerimos que peça aos alunos que os interpretem à luz das seguintes questões:

- ▶ Para que serve, afinal, a Filosofia?
- ▶ É importante estudar Filosofia na escola?

Os excertos, que constam do Caderno do Aluno, são os seguintes:

Para que serve a Filosofia? Qual é sua utilidade? Para responder a essa pergunta precisamos antes fazer algumas outras: o que entendemos por útil? Quem nos dá os critérios a partir dos quais consideramos algumas coisas úteis e outras inúteis? Conhecemos de fato esses critérios? Paramos para pensar sobre eles? Tomamos conscientemente a decisão de aceitá-los? Por que perguntamos sobre a utilidade de certas coisas e não de outras? Haveria pessoas ou grupos interessados em mostrar algumas coisas como úteis e outras como inúteis? Quando dizemos que, para nós, uma determinada coisa não serve para nada, estamos expressando um conhecimento efetivo sobre essa coisa ou, na verdade, apenas reproduzimos a “opinião” geral, o “senso comum”, a visão hegemônica a respeito dela? Estamos agindo com autonomia e liberdade? Poderíamos formular ainda inúmeros outros questionamentos derivados daquele inicialmente apresentado. E, ao fazê-lo, já estaríamos nos situando dentro da Filosofia, isto é, já estaríamos, num certo sentido, filosofando. Afinal, filosofar é, também, não aceitar como verdadeira qualquer ideia sem antes submetê-la à dúvida, à investigação, à reflexão crítica e rigorosa. Ora, isso significa que para demonstrar com consistência a utilidade ou inutilidade da Filosofia, ou de qualquer outra coisa, já teríamos que filosofar.

Texto elaborado especialmente para este Caderno.

“[...] é preferível ‘pensar’ sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, ‘particular’ de uma concepção do mundo ‘imposta’ mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...] ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho próprio do cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?”

GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao estudo da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*; Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 93-94.

Avaliação da Situação de Aprendizagem

Apresentamos a seguir algumas sugestões a título de contribuição, mas é você, professor, quem tem as melhores condições de saber quando e como avaliar os alunos.

Questões para avaliação

1. O que significa a afirmação de Gramsci de que, só através do contato com o povo, com “os simples”, “uma filosofia se torna ‘histórica’, depura-se de elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em ‘vida’”?

Espera-se que os alunos demonstrem a compreensão de que todas as pessoas podem filosofar e que, para isso, é importante que a Filosofia (o pensamento dos filósofos) lhes seja acessível. A escola pode ser um importante veículo para viabilizar esse contato.

2. Comente o significado das seguintes citações:

Os verdadeiros filósofos são “amadores do espetáculo da verdade”

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 256 [475e].

“Mas àquele que deseja prontamente provar de todas as ciências e se atira ao estudo com prazer e sem se saciar, a esse chamaremos com justiça filósofo [...]”

PLATÃO. *A República*, São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 255 [475d].

Trata-se de compreender a filosofia como busca e compromisso com a verdade e com a superação dos preconceitos e do senso comum. Nesse sentido, o filósofo é aquele que reconhece a própria ignorância e, ansioso pelo saber, põe-se permanentemente à sua procura.

3. Escreva uma breve dissertação (20 a 30 linhas) sobre o tema: “O papel da Filosofia na formação da cidadania”.

Espera-se que os alunos demonstrem capacidade de síntese dos aspectos estudados e ressaltem a importância da Filosofia e de seu estudo para a formação de cidadãos críticos e convictos de seu papel de sujeitos da história.

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas

Para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema desenvolvido nesta Situação de Aprendizagem, assim como oferecer subsídios teóricos, conceituais e metodológicos para os docentes, indicamos as seguintes obras:

Livros

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2005. A introdução e os capítulos iniciais trazem uma interessante discussão sobre o que é a Filosofia e a questão da sua utilidade × inutilidade

GRAMSCI, A. Cadernos 10 e 11 (1932-1933). Introdução aos estudos da Filosofia. In: *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Indicamos, sobretudo, a primeira parte, intitulada, nesta edição, de “Introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico”, na qual se encontram os trechos citados nesta Situação de Aprendizagem.

SAVIANI, D. A filosofia na formação do educador. In: _____. *Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2007. <<http://www.autoresassociados.com.br>>. É neste texto que o autor desenvolve a concepção de filosofia aqui apresentada. Sua leitura pode ajudar o aprofundamento desta Situação de Aprendizagem.

TEMA 3 – O HOMEM: UM SER ENTRE OS DEMAIS SERES DA NATUREZA

Esta Situação de Aprendizagem tem como objetivo dar início à reflexão sobre os seres humanos, destacando a importância de admitir sua condição de animal dotado de um corpo que o aproxima e o distingue dos demais seres do planeta. Admitir essa aproximação e essa distinção requer esforço típico da reflexão filosófica, indubitavelmente necessária para a formação ética e para a construção da convivência humana solidária. Afinal, uma das perguntas centrais da Filosofia é exatamente: Quem somos nós? E ainda: Qual é a nossa condição de transformarmos o mundo em que vivemos em um lugar melhor?

Nesta Situação de Aprendizagem, começaremos por aquilo que o nosso olhar constata

de imediato quando mira um ser humano e a si mesmo, ou seja, começaremos pela evidência de que temos um corpo. E esse corpo nos remete, antes de tudo, ao lugar dos animais. As primeiras perguntas, em nossa reflexão filosófica, são: Que espécie de animal somos nós? O que nos caracteriza? O que nos marca como animais da espécie humana?

Assim, desafie os alunos na perspectiva de pensar, falar, ler e escrever sobre a condição natural do ser humano, suas características corpóreas e suas disputas pela sobrevivência. Com o auxílio do professor e de textos filosóficos, os alunos serão motivados a refletir sobre a importância de se conceber aproximações e distinções entre o homem e os demais seres da natureza.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 A CONDIÇÃO ANIMAL COMO PONTO INICIAL NO PROCESSO DE COMPREENSÃO SOBRE O HOMEM

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: o ser humano como corpo na perspectiva filosófica e não biológica; o ser humano como animal que luta com outros seres, inclusive humanos, para a sobrevivência e relevância da reflexão filosófica para a superação de disputas e a construção de sobrevivência solidária.

Competências e habilidades: relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); elaborar hipóteses e questões a partir das leituras e dos debates realizados.

Estratégias: levantamento de representações dos alunos sobre os temas tratados por meio de associação de imagens (fotos, reprodução de obra de arte plástica, desenhos, figuras de revistas); procedimentos de leitura e escrita; pesquisa bibliográfica; debates.

Recursos: imagens como fotos, reprodução de obra de arte, desenhos, figuras de revistas; textos conforme bibliografia indicada; lousa; giz.

Avaliação: além de observar e registrar informações que caracterizem a participação dos alunos nas atividades em sala de aula, o professor pode analisar o caderno de atividades dos alunos para acompanhar seus trabalhos, sugerindo aprofundamentos e revisões sempre que necessário.

Sondagem e sensibilização

Para esta sondagem, pode-se utilizar duas aulas.

Sugerimos que você oriente os alunos a se organizar em grupos de quatro ou cinco participantes para conversar e selecionar imagens (fotos, reprodução de obra de arte, desenhos, figuras de revistas), com o objetivo de expressar o que é o ser humano. A imagem selecionada deve expressar o entendimento do grupo sobre o ser humano. A ideia é, inicialmente, que falem com a ajuda das imagens. Essa associação tem como objetivo provocar um primeiro esforço de reflexão e favorecer o pensamento e a fala dos alunos sobre o tema. Com a mediação da imagem, as palavras são encontradas com maior facilidade.

As imagens podem ser de acervo particular ou mesmo da escola, caso nela exista uma coleção de revistas especificamente para fins de colagens. No caso de não se contar com acervo, pode-se levar livros e revistas da biblioteca, dispensando o “recorte e cola”.

Com base nas imagens, você terá as representações dos alunos sobre o ser humano.

Quando todos os grupos concluírem a seleção, deverão registrar por escrito as justificativas para a escolha que fizeram. Eles devem ser orientados para o registro com as perguntas: *por que escolheram essa imagem e o que veem nela?*

Esse registro é importante como memória para os grupos, pois, na aula seguinte, as

imagens serão apresentadas em um painel que permitirá uma reflexão em diálogo com as imagens de todos os grupos.

Na aula seguinte, durante as apresentações dos alunos, você, professor, poderá orientar para que descrevam cuidadosamente as imagens, evitando dispersões dos objetos e elementos que de fato aparecem. O objetivo é desenvolver observação atenta do que se vê, sem interpretações e associações de ideias que poderiam prejudicar a descrição e a percepção do que aparece nas imagens efetivamente. A interpretação traz associação de ideias significativas para quem interpreta, mas que podem dispersar a reflexão de seu foco central, pode impedir o pensamento e a fala que deve ser conduzida ao tema em questão. A descrição favorece a observação e a explicitação de palavras que compõem a reflexão. Além do cuidado com a descrição e das justificativas das imagens selecionadas, algumas perguntas que extrapolam e contextualizam o tema podem ajudar:

- ▶ Essas imagens podem ser associadas ao ser humano em qualquer tempo e lugar?
- ▶ O ser humano foi sempre assim?
- ▶ O que já estudamos a respeito do ser humano de diferentes momentos históricos e diferentes lugares?
- ▶ Se imaginarmos o ser humano em sua existência anterior à invenção das cidades ou das sociedades que hoje conhecemos, o que podemos dizer? Seriam essas as nossas imagens?
- ▶ Se observarmos o ser humano despojado dos acessórios do momento atual, como roupas, corte de cabelo, cenários cotidianos, o que vemos?

- O que encontramos, em primeiro lugar, quando observamos um ser humano?

Para responder a última pergunta, é interessante que os alunos sejam desafiados a olhar uns para os outros: peça a eles que olhem para o colega e respondam o que veem.

Para dialogar com as respostas dos alunos, você poderá organizá-las por semelhanças, por temas comuns, sempre perguntando de onde trazem a informação manifesta e como puderam elaborar a resposta. Esse procedimento exercitará a reflexão dos alunos.

Após o diálogo com as respostas dos alunos, é importante uma síntese elaborada por você, destacando o fato de que primordialmente somos um corpo, somos o nosso corpo, e que a Filosofia sempre se esforçou para evidenciar as diferenças entre homens e os demais seres da natureza, mas que também é importante um esforço reflexivo, típico da Filosofia, para compreendermos o que aproxima os homens dos demais animais.

Por meio desse esforço, podemos identificar características bastantes presentes na humanidade e que merecem ser consideradas com cuidado na perspectiva de se criar convívios pacíficos e solidários.

O olhar atento e reflexivo sobre a nossa condição animal nos remete a um cenário de disputas de alimento, de território, de machos e de fêmeas. Esse mesmo olhar nos remete, portanto, a um traço fundamental do ser humano, que é a possibilidade de destruição de outros seres na luta pela sobrevivência. A reflexão filosófica não pode ignorar esse traço constitutivo de nossa realidade e não pode deixar de formular duas perguntas centrais: como a humanidade construiu sua convivência enfrentando esta disputa e como é possível uma educação dos homens para garantir sobrevivência em cooperação e solidariedade.

Reflexão a partir de leituras: o que dizem dois filósofos

Após a sondagem inicial e a síntese que você apresentou aos alunos nas duas primeiras aulas, sugerimos um exercício de reflexão com a ajuda de dois filósofos: Pascal e Descartes. Dois objetivos podem ser trabalhados: a continuidade do contato com fragmentos de textos filosóficos, com indicação para que leiam o texto completo, caso assim queiram, e a reflexão sobre a importância de nos considerarmos animais em meio aos demais seres da natureza.

Em geral, a Filosofia e as ciências contam com uma vasta literatura que aborda a importância de se distinguir o ser humano dos demais seres da natureza; e a distinção entre os seres humanos e os demais animais é ensinada já nas primeiras séries da educação básica. Sobretudo a partir do século XIX, quando as ciências se afirmam como conhecimento capaz de demonstrar a superioridade humana na natureza, marcada pela necessidade de controle dessa mesma natureza, temos a construção da consciência de que somos não apenas diferentes, mas superiores aos outros seres.

Essa consciência pode ter impulsionado todas as maravilhas técnicas e científicas que a humanidade edificou. Mas responde também pela ilusão de que somos capazes de intervir e controlar a natureza sem consequências desastrosas para nós mesmos e para todo o planeta.

Uma ideia importante desta Situação de Aprendizagem é considerarmos a perspectiva de não nos vermos como seres distintos e superiores, mas distintos e ocupantes de um mesmo contexto material, natural; distintos e responsáveis justamente por sermos seres de consciência, capazes de prever consequências, assumir equívocos e de rever metas contemplando a preservação da própria vida e a de outros seres.

Pascal e Descartes nos oferecem dois textos interessantes para inspirar essa consciência sobre nossa inserção em uma natureza material assim como a todos os seres que nos cercam.

O texto de Pascal chama-se “O homem perante a natureza”, e o texto de Descartes chama-se “Meditações”, e ambos foram escritos no século XVII. Destacamos dois fragmentos desses textos para a reflexão em sala de aula.

Após a leitura em silêncio dos dois fragmentos, os alunos podem ser orientados a comparar os dois textos:

- ▶ Quais os argumentos que se aproximam, isto é, que nos fazem pensar ideias semelhantes ou iguais?
- ▶ Quais os argumentos diferentes, aqueles que nos permitem dizer que existem diferenças entre os dois textos?

“E, primeiramente, não há dúvida de que tudo o que a natureza me ensina contém alguma verdade. [...] Ora, nada há que esta natureza me ensine mais expressivamente, nem mais sensivelmente do que o fato de que tenho um corpo que está mal disposto, quando sinto dor, que tem necessidade de comer ou de beber, quando nutro sentimentos de fome e de sede, etc. E, portanto, não devo, de modo algum, duvidar que haja nisso alguma verdade.

A natureza me ensina também por estes sentimentos de dor, fome, sede, etc. que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. [...]

Além disso, a natureza me ensina que muitos outros corpos existem em torno do meu, entre os quais devo procurar uns e fugir de outros”¹.

“A primeira coisa que se oferece ao homem ao contemplar-se a si próprio é seu corpo, isto é, certa parcela de matéria que lhe é peculiar. Mas, para compreender o que ela representa a fixá-la dentro de seus justos limites, precisa compará-la a tudo o que se encontra acima ou abaixo dela. Não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam, simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestade. Considere esta brilhante luz colocada acima dele como uma lâmpada eterna para iluminar o universo, e que a Terra lhe apareça como um ponto na órbita ampla deste astro e maravilhe-se de ver que essa amplitude não passa de um ponto insignificante na rota dos outros astros que se espalham pelo firmamento. E se nossa vista aí se detém, que nossa imaginação não pare; mais rapidamente se cansará ela de conceber, que a natureza de revelar. Todo esse mundo visível é apenas um traço perceptível na amplitude da natureza, que nem sequer nos é dado a conhecer de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além de espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas. [...]

Afinal que é o homem dentro da natureza? Nada, em relação ao infinito; tudo, em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas quanto o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.”

¹ Descartes. *Meditações*. In Descartes. *Obra escolhida*. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. p. 189-190.

² Pascal, Blaise. *Pensamentos*. Parte dois. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Após o registro das respostas, os alunos podem trocar seus textos e apresentar seu entendimento sobre a comparação entre os textos.

Neste instante, a sua mediação é fundamental, ajudando os alunos a focalizarem com atenção os textos e, se você contar com a versão completa deles, poderá ler para a classe um parágrafo ou outro que considerar interessante para a compreensão dos autores, embora esse procedimento não seja imprescindível.

Merecem destaque:

- ▶ a afirmação enfática de que somos um corpo;
- ▶ a imagem de que a natureza me ensina que convivo com outros corpos;
- ▶ a ideia de que fujo de alguns e de outros me aproximo;
- ▶ a ideia de que não vemos, não compreendemos nossos extremos: nem fim, nem princípio;
- ▶ a ideia de que somos nada em relação ao infinito, porém somos tudo em relação ao nada.

Se um texto (Descartes) traz a visão de conflito entre os homens, o outro (Pascal) traz a ideia de nossa limitação frente à natureza. Duas condições básicas da existência humana que precisam ser corajosa e filosoficamente enfrentadas para a compreensão do ser humano. Qualquer projeto educacional com vista à preservação da natureza, e com esta à preservação da humanidade, requer conscientização sobre os nossos limites e as nossas necessidades como seres corpóreos que até o presente momento nada sabem sobre seu início, seu fim e que continuam a destruir-se mutuamente.

Para este exercício de leitura e identificação de argumentos, pode-se utilizar duas aulas: uma para o trabalho dos grupos e outra para

apresentação e síntese coletiva sobre entendimento e comparação dos textos.

Reflexão a partir de leituras: o que nos fazem pensar

Nas aulas seguintes, que podem ser duas ou três, os alunos podem ser orientados a pensar sobre suas experiências enquanto animais que possuem um corpo com características humanas e a relacionar os temas destacados dos fragmentos analisados com questões de seu cotidiano e do mundo contemporâneo.

Três questões podem orientar a organização de três momentos do trabalho em classe e em casa:

- ▶ Quais as consequências de termos um corpo como o humano?

Essa primeira questão pode desencadear um exercício de imaginar o que seria de nós, seres humanos, se tivéssemos outras características corporais. Os alunos que desenham podem criar personagens que, à semelhança das aves, pegam os alimentos com o bico e não com as mãos. Os alunos que não gostam de desenhar podem produzir colagens com figuras de revistas ou desenharem sobre as figuras de revistas para criar seres humanóides com corpos distintos dos nossos. Os alunos que gostam de teatro podem encenar uma apresentação, expressando-se corporalmente como se fossem aves, répteis ou insetos em tarefas humanas. Tais imagens poderão ilustrar a necessária relação entre o nosso corpo com mãos para pegar alimento, com boca liberada para a fala, com capacidade de colocar-se em pé e a construção cultural da humanidade.

Eles podem pesquisar textos sobre essa relação entre a forma do corpo humano e a construção da humanidade tal como a conhecemos atualmente em outras disciplinas como História, Biologia e Sociologia.

- ▶ Quais os desafios que o fato de ser um corpo me traz?

Esse segundo momento pode começar com uma breve pesquisa feita em casa. Oriente os alunos a selecionar letras de músicas ou filmes que tragam em suas mensagens a possibilidade de responder a essa questão.

Em aula, podem organizar-se em grupos para uma segunda seleção, ou seja, eleger apenas um dos filmes ou uma das poesias do grupo para apresentar aos outros grupos, justificando a escolha. Essas duas seleções exigem reflexão em torno de critérios para escolher entre várias possibilidades; exigem aproximação do tema em questão e exigem argumentação no processo de negociação para indicar a obra a ser apresentada, além, é claro, do esforço intelectual para justificar a decisão. Trata-se, portanto, de atividade com grande potencial formativo em termos do conteúdo propriamente dito e das competências a serem construídas.

É interessante lembrar os alunos que no espaço de discussões em Biologia, em Orientação Sexual, em Química, em Física existem oportunidades de se compreender os desafios de se ter um corpo.

Após a formação do painel com os trabalhos dos grupos e as sínteses e mediações que você julgar necessárias, apresente a próxima questão que será trabalhada na aula seguinte.

- ▶ Como a nossa sociedade atual vem resolvendo os desafios impostos pelo fato de sermos um corpo?

Para responder a esta pergunta, os alunos podem considerar o contexto social brasileiro.

Na última aula desta Situação de Aprendizagem, é importante pedir aos alunos que consultem o Caderno do Aluno, no qual re-

gistraram as hipóteses sobre a pergunta apresentada por você na última aula.

Avaliação da Situação de Aprendizagem

Na impossibilidade de uma apresentação oral individual dessas hipóteses, oriente a conversa em grupos ou duplas, dependendo de suas condições reais, para que os alunos troquem ideias sobre as diversas colaborações e escrevam uma síntese para ser entregue e analisada por você. Se preferir, solicite que escrevam individualmente. A sistematização por escrito é importante nos fechamentos e nas finalizações de temas. Com essa leitura, você poderá orientar os alunos que não se aproximaram das questões ou que precisam ser corrigidos em termos da expressão de suas ideias para melhor comunicá-las. A competência escritora poderá ser trabalhada com esta análise.

Proposta de Situação de Recuperação

A recuperação dos conteúdos e das habilidades trabalhados nesta Situação de Aprendizagem requer a retomada da leitura dos textos de Descartes e Pascal, orientada pelas questões:

- ▶ Quais as semelhanças entre os dois textos e quais os aspectos em que se distinguem?
- ▶ O que esses dois textos nos fazem pensar sobre as consequências de termos um corpo para a constituição de nossa humanidade?

Com a ajuda dos textos, mas retomando todas as reflexões anteriores, é importante que os alunos em recuperação reflitam sobre o modo como as sociedades contemporâneas enfrentam o desafio de sermos animais entre os outros animais e os desafios de sermos seres dotados de um corpo.

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas

Livros

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005. Os pensamentos de Pascal são fundamentais para a reflexão sobre a natureza humana, pois o autor argumenta com maestria a respeito dos limites e potencialidades do ser humano. Com sua ajuda é possível pensar temas

como grandeza e pequenez humana diante da natureza.

DESCARTES, Rene. *Obra escolhida*. Tradução Giles-Gaston Granger e notas de Gerard Lebrun. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. Além do essencial registro do pensamento de Descartes em textos que são referência para a Filosofia ocidental, este livro merece ser analisado também pelas notas de Gerard Lebrun. Sua leitura permite aproximação rigorosa da visão cartesiana sobre conhecimento e sobre a natureza humana.

TEMA 4 – O HOMEM COMO SER DE LINGUAGEM E DE PALAVRA

Prosseguindo com o objetivo de refletir sobre a condição dos seres humanos e suas características fundamentais, esta Situação de Aprendizagem desenvolve os temas linguagem e palavra.

Linguagem é palavra associada aos processos de comunicação entre os seres. Compreendida em um sentido amplo, está presente nas práticas realizadas por todos os animais, incluindo gestos, movimentos, sinais de diversas naturezas, cores, sons; não é, portanto, um processo exclusivamente associado aos seres humanos.

Aristóteles em seu livro *A política* anuncia essa especificidade humana afirmando que to-

dos os animais têm vozes, mas somente o homem tem palavra.

No currículo do Ensino Médio, as aulas de Arte são espaço importante para a criação e a reflexão de diferentes linguagens da arte. Nas aulas de Filosofia, desta Situação de Aprendizagem, focaremos a palavra e a língua como aspectos definidores do ser humano e, também, como condição para a elaboração do discurso filosófico.

Analisaremos, então, como temas, a língua como fundadora dos saberes coletivos; a língua como criadora de realidades, e a Filosofia como área privilegiada para o cuidado com as criações da língua, como lugar de reflexão e tratamento da linguagem escrita e falada.

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 A LINGUAGEM E A LÍNGUA COMO CARACTERÍSTICAS QUE IDENTIFICAM A ESPÉCIE HUMANA

Tempo previsto: 4 aulas.

Conteúdos e temas: a língua como fundadora dos saberes coletivos; a língua como criadora de realidades e a Filosofia como área privilegiada para o cuidado com as criações da língua, como lugar de reflexão e tratamento da linguagem escrita e falada.

Competências e habilidades: elaborar hipóteses para o enfrentamento de questões relativas aos temas do bimestre; refletir sobre a distinção entre linguagem e língua; relacionar pensamento, linguagem e língua; refletir sobre o papel da língua para a produção e preservação de saberes coletivos, bem como para representar o real e imaginar diferentes realidades.

Estratégias: identificação de representações dos alunos por meio da sondagem inicial sobre o tema; leitura e escrita; organização de painel sobre reflexões a partir de grupos.

Recursos: texto de literatura, sugestão *Os sertões*, de Euclides da Cunha; texto de Platão, diálogo de Fédon.

Avaliação: além de observar e registrar informações que caracterizam a participação dos alunos nas atividades em sala de aula, pode-se analisar o Caderno do Aluno para acompanhar seus trabalhos, sugerindo aprofundamentos e revisões sempre que necessário.

Sondagem e sensibilização

Para dar início à reflexão sobre a palavra como um traço fundamental do ser humano, faça o levantamento das representações dos alunos sobre o tema: *O que pensam sobre essa condição humana? Já tiveram oportunidade de parar para considerar reflexivamente as consequências da palavra para a constituição do ser humano como se apresenta atualmente?*

Para essa Sondagem inicial, os alunos podem ser desafiados por meio de um exercício que exige memória e reflexão. Peça a eles que, em duplas ou grupos, apresentem oralmente exemplos de experiências nas quais puderam se comunicar sem o uso de palavras; poderão relembrar as aulas de Arte ou o universo de suas vivências cotidianas. Após as apresentações, faça uma síntese do que foi apresentado e acrescente uma questão que permitirá a problematização ainda na sondagem: *“As palavras de fato estavam ausentes nestas experiências?”*.

Caso os alunos sintam dificuldade para enfrentar esse desafio, é interessante perguntar sobre o que pensaram durante, após e mesmo antes das experiências, caso tenham sido planejadas.

A ideia é que eles considerem o processo de pensamento como um fenômeno permitido pela palavra. Ainda que não expresso, que não dito, um pensamento é produzido com a articulação de palavras.

As palavras articulam-se no contexto de uma língua. Por isto é possível afirmar que não existe pensamento sem a base, sem o suporte de uma língua.

A língua como fundadora dos saberes coletivos

A língua, por sua vez, tem seus suportes. A língua falada tem como base física os sons, ou seja, a vibração do ar e a língua escrita tem sua base na imagem, quer dizer, em um desenho no espaço. Ela também tem uma base física no animal que fala. A língua falada depende de um aparelho fonético bastante sofisticado, e a língua escrita depende de uma mão igualmente sofisticada, ambas características exclusivas da nossa espécie.

A língua falada e escrita têm uma base cultural, pois são indissociavelmente ligadas a uma forma de vida, uma cultura determinada. Ao mesmo tempo que a cultura é gerada pela língua, ela também gera a língua. Ao nomear, classificar, categorizar, registrar suas experiências vitais, os seres humanos criam palavras e sintaxes articuladoras de palavras ao contarem histórias de modos particulares de vida.

A língua é o “saber coletivo” fundamental de um povo, de uma nação, de uma cultura. É fundamental porque, com a língua, os grupos humanos fundam sua identidade, por meio das palavras que organizam e nomeiam suas atividades para sobrevivência, suas crenças, seus valores, suas artes. Assim como é verdadeira a afirmação de que existem comunicações sem palavras, é verdadeira a impossibilidade de constituição de um agrupamento humano, quer seja uma tribo, uma cidade ou um país, sem a edificação de saberes coletivos que são planejados, registrados – ainda que na memória da tradição oral – e comunicados pela língua de geração em geração. A língua é o saber coletivo mais bem repartido de um povo ou

comunidade. Além disso, é um saber em contínua transformação e crescimento. Todos nós aprendemos a língua constantemente e todos nós ensinamos a língua constantemente.

A língua de um povo, portanto, é um instrumento valioso para a sua identidade. Ela é a espinha dorsal de uma sociedade ou cultura. E é por isso que os antropólogos, quando se deparam com uma nação tribal em risco, imediatamente chamam os linguistas para fixarem a língua numa escrita, na tentativa de não deixá-la morrer.

Na aula seguinte à sondagem, você pode apresentar esse panorama sobre a relação entre pensar, dizer e fazer parte de uma cultura e solicitar aos alunos que, em grupos, assumam o desafio de explicar o significado da palavra “caneta” para um ser extraterrestre que não conhece os objetos da Terra e tampouco as línguas aqui faladas.

Algumas dificuldades podem advir dessa tentativa.

É importante questionar se usaram recursos como mostrar o objeto, descrever o objeto, transmitir por meio de gestos para que o objeto é usado, pois é muito provável que o visitante não reconheça ou não conheça nenhuma dessas representações associadas à palavra “caneta”.

Nesse caso, ainda que o extraterrestre tenha entendido que se está tentando ensinar para ele uma palavra da nossa língua e, com muito boa vontade, se coloque à disposição para aprender, temos as seguintes possibilidades diante das prováveis soluções para explicar o significado de “caneta”.

Ele pode considerar que se trata de um objeto adorado pelos terráqueos; pode achar que a palavra “caneta” seja o ato de apontar alguma

coisa. Ou então, que seja o nome do material de que ela é feita, por exemplo, o plástico. Ou que é o nome da forma que a caneta tem, por exemplo, um cilindro. Ou ainda, que seja a maneira de designar um ponto no espaço. Pode achar também que o que está sendo apontado não é o que está perto do dedo, mas o que se encontra na direção oposta da ponta do dedo. Ou que “caneta” é o nome de uma dança que consiste em apontar algo e insistir num mesmo som: “caneta”, “caneta!”, “ca-ne-ta”...

As possibilidades de interpretação do extraterrestre são virtualmente infinitas. O certo é que, se no planeta dele houvesse um objeto como uma caneta, um instrumento que lá também serviria para escrever, nesse caso, seria mais provável que ele entendesse o significado da palavra.

Com essa hipótese, concluímos:

- ▶ o significado de uma palavra não é dado pela observação do objeto em termos de suas linhas, suas cores, seu material;
- ▶ o significado de uma palavra depende da familiaridade que temos com certos objetos, conceitos, gestos e maneiras de falar;
- ▶ a língua está muito mais ligada a uma forma de vida do que à operação de representar objetos ou experiências por meio de sons ou da escrita.

Pensamos, falamos, lemos e escrevemos as palavras que herdamos como seres nascidos em tempo e espaço determinados, em meio a saberes coletivos já consolidados. Herdamos a língua com as palavras já enredadas em significados. É com essas palavras, com essa herança que é a língua, que abarca os saberes coletivos de nosso grupo cultural e o universo de significados por ele produzidos, que construímos nossa arte, nossa expressão escrita e falada, nosso modo de ler e dizer o mundo.

A língua como criadora de realidades

Outra característica importante do ser humano que é permitida pela linguagem pode ser encontrada na capacidade de sair do presente e da presença do que é visto para lançar-se ao passado, ao futuro e a mundos nunca visitados.

Aliadas à faculdade da memória, a língua e a linguagem nos trazem registros do passado; e aliadas à nossa capacidade imaginativa, nos projetam para o futuro. Passado e futuro só existem por causa da linguagem e da palavra. A característica virtual da linguagem e da língua permite essa fuga para lugares não existentes. Tal virtualidade permite, ainda, que pensemos em objetos que não estão presentes e sobre experiências que não são nossas. Com a linguagem e a língua, representamos o mundo, imaginamos outras formas de viver e elaboramos saberes coletivos que herdamos e transmitimos para gerações que nos sucedem.

Para a reflexão sobre esse papel da língua, proponha o seguinte desafio aos alunos: peça que mantenham os olhos fechados durante 30 segundos. Quem será capaz de fazer isso? Durante esse tempo, leia ou fale de cor um pequeno trecho de literatura que seja especialmente expressivo em termos de dramaticidade ou imagens.

Como exemplo, suponha o seguinte trecho:

“Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais, rugiam raivosamente cinco mil soldados.”

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00091a.pdf>>

Agora, pergunte aos alunos o que cada um imaginou quando você apresentou o texto:

- ▶ Como era o velho? Ele usava chapéu?
- ▶ E como eram os dois homens feitos?
- ▶ E a criança, era menino ou menina?
- ▶ E os 5 mil soldados? Eram soldados da polícia? Do exército? De que época?
- ▶ Onde a cena imaginada se passou? Na cidade, no campo? Fazia calor? Fazia frio?
- ▶ Alguém se perguntou por que 5 mil soldados para enfrentar quatro pessoas?
- ▶ Alguém interpretou em que circunstâncias esse fato teria ocorrido?
- ▶ Alguém ficou com pena daquelas quatro pessoas?
- ▶ Alguém ficou indignado com a desproporção entre as quatro pessoas e os 5 mil soldados?

Permita que os alunos justifiquem suas interpretações e as discutam entre si. Tudo o que for vivido nessa atividade será possível por uma mensagem sonora de menos de 30 segundos.

Com certeza, haverá interpretações diferentes para a cena descrita. E isso mostra a força da imaginação pessoal na compreensão do que é descrito ou narrado, e como ela ocorre de maneira aparentemente automática, sem identificarmos os motivos desta ou daquela associação de ideias.

A linguagem é isso: um processo que permite a criação de fatos na mente das pessoas. Permite a criação de imagens, de ideias, de acontecimentos, de emoções, de julgamentos e, até mesmo, de todos esses aspectos simultaneamente.

A Filosofia como o cuidado com as criações da palavra

Até o momento, vimos que o homem é um ser de linguagem assim como os outros animais, mas que em sua linguagem há uma especificidade que o distingue e que se chama “pa-

lavra”. A palavra relaciona-se ao pensamento, criando-o e sendo criada por ele.

Vimos que as palavras se articulam na língua de forma a descrever e nomear as coisas do mundo, mas não somente isso. A língua é um processo bastante complexo, associado às ações humanas, ao que os seres humanos fazem para sobreviver, mas, sobretudo, é um processo que permite a construção de significados ou de saberes coletivos como a ciência, a religião, a técnica, a tecnologia, a arte. Vimos que linguagem e língua permitem, ainda, que o ser humano ocupe um lugar imaginário, escapando do mundo tal como se mostra.

E a Filosofia? Também resulta da capacidade humana de criar a língua e é criada por essa capacidade reciprocamente.

Wittgenstein, filósofo austríaco (1889-1951), entende que a Filosofia deva ter como função o cuidado com as palavras, o tratamento das palavras, a terapia da linguagem, para evitar que se caia nas armadilhas da linguagem. E o filósofo Platão, em um de seus diálogos, denominado “Fédron”, afirma que a língua é *pharmakon*, palavra que no grego antigo significava veneno, remédio e cosmético.

Avaliação da Situação de Aprendizagem

Para finalizar as reflexões do bimestre, os alunos podem registrar por escrito situações cotidianas nas quais a língua é veneno. E ainda registrar em que situações é remédio e em que situações é cosmético.

Após as apresentações em aula, podem pesquisar no diálogo platônico o contexto da afirmação sobre a língua. E encerrar as atividades respondendo sobre o papel da Filosofia no enfrentamento da palavra que é veneno, da palavra que é remédio e da palavra que é cosmético.

Proposta de Situação de Recuperação

Os alunos que apresentaram dificuldades para acompanhar as reflexões ou realizar algumas das atividades podem ser orientados a estudar dois textos como base para as questões da Situação de Aprendizagem 4. São eles: o diálogo Fédron de Platão e o capítulo 5 do livro *Convite à filosofia* de Marilena Chaui (São Paulo: Ática, 2005). A leitura deve ser acompanhada de perguntas para favorecer o entendimento. Registramos algumas, mas elas devem ser reelaboradas de acordo com as dificuldades que você identificar nos alunos.

1. Qual é a diferença entre língua e linguagem?
2. Por que é possível afirmar que a grande distinção entre os homens e os demais animais é a língua e não a linguagem?
3. Quais as experiências dos seres humanos cuja realização só é possível por meio da língua, da palavra?
4. Por que é possível dizer que a palavra – a língua – cria realidades, cria mundos que não existem?

Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

Livros

ALSTON, W. P. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Neste livro, o autor desenvolve as relações entre Filosofia e linguagem apresentando aspectos de interesse para o entrelaçamento das duas áreas. A metafísica, a lógica, a epistemologia são para ele campos que exigem reflexão sobre linguagem. É um

livro que contribui para o aprofundamento da compreensão sobre o discurso filosófico e sobre a relação entre pensamento e linguagem.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Campinas: Vozes, 2005. Neste livro, além da possibilidade de se compreender o papel da Filosofia em relação à linguagem, à palavra, o autor desenvolve argumentação em torno da ideia de que a linguagem é um jogo por meio do qual se aprende a usar palavras. Para o autor, não

aprendemos uma palavra, mas aprendemos um jogo de linguagem, construindo compreensões sobre articulações entre palavras, sobre significados.

Site

Uol educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/filosofia>>. Acesso em: 23 nov. 2008. O *site* apresenta três textos de filosofia da linguagem, com contribuição de Josué Cândido da Silva sobre Wittgenstein.